

## **TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS**

Com vista a assegurar a confidencialidade dos professores participantes na investigação, como asseveramos na alínea a) do ponto 3.2 do capítulo III do trabalho, codificamo-los com a letra P, seguida de uma numeração árabe. Ainda, apresentamos, entre parênteses, a(s) classe(s) que cada um dos nossos interlocutores leciona.

Ex.:

**Professor Entrevistado 1 – P1 (1ª classe).**

Ao longo do texto, o nome o próprio nome do professor foi oculto, aparecendo apenas umas reticências entre parênteses.

**Por Exemplo: Professor João = Professor (...).**

Outrossim, codificamos as escolas com numeração romana.

Por exemplo:

**Escola Primária do 1º Grau 2 – EP1- II;**

**Escola Primária do 2º Grau 4 – EP2 - IV;**

**Escola Primária Completa 3 – EPC - III;**

Por último, abreviamos a palavra “entrevistador” em (ENT.).

Assim:

**Entrevistador = ENT.**

## **CORPUS DAS ENTREVISTAS**

### **P1 (7ª Classe)**

#### **EPC - I**

ENT. - Estamos na EPC de (...), na presença de um professor de Português...

(...)

ENT. – Senhor Professor (...), para si, o que é ensinar a ler?

P1 - *No meu ponto de vista, ensinar a ler é fazer com que o aprendente, neste caso o aluno saiba interpretar aquilo que são as palavras, nem?... saber interpretar, eh, um certo conteúdo...*

ENT. - Pois!

P1 - *... porque ler não é só, eh, ler como nós sabemos superficialmente, mas ler é entender aquilo que se... que se lê. Então, ensinar a ler é fazer com que o aluno, neste caso o aprendente, saiba, eh, dar significado daquilo que ele leu.*

ENT. - Exato! E qual é a base dessa sua conceção? Ou seja, dessa maneira como interpreta a forma de ensinar a ler?

P1 - *Eh, para mim, para o meu aluno saber ler, eu devo pôr a ele à [em] prática. Primeiro, eu faço com que ele saiba ler assim superficialmente. Dai, o que eu tenho feito é mandar ao próprio aluno, em primeiro lugar, nem?*

ENT. - Sim!

P1 - *... porque eu não posso colocar o aluno como uma tábua assim, não. Eu devo ver o aluno como uma pessoa que também é capaz de aprender alguma coisa. Então, eu coloco no aluno um trabalho, por exemplo, vamos extrair, assim, um texto, por exemplo, que nós temos, eu digo: olha, este texto vamos ler até no fim juntos. Mas agora, mesmo assim que lemos, podem haver palavras complicadas, que é necessário que ele mesmo saiba qual é o significado daquelas palavras. Então, eu tiro pelo menos três palavras complicadas, dou significado e então os alunos também procuram as palavras que eles acham que essas são complicadas, dão significado e assim é fácil entender aquilo que é leitura. Lê e o aluno começa a entender que afinal das contas este texto está a dizer isto.*

ENT. - Ok.

P1 - *Sim.*

ENT. - E existem outras atividades que tem desenvolvido, para ensinar a ler?

P1 - *Bem, já que, eu, por exemplo, no meu caso, o nível que eu estou a dar, eh, não posso levar o aluno como se fosse mesmo aquilo que eu disse, nem...*

ENT. - Pois!

P1 - *... Então, o que eu tenho feito, e eu, de princípio, sei que o meu aluno pelo menos ler superficialmente sabe...*

ENT. - Ok!

P1 - *... Então, o que eu tenho feito é só falar/informar ao aluno de que olha: para nós sabermos ler não nos devemos limitar só naquilo nós estamos a ver ou aquilo que nós vemos com o nosso professor, mas nós devemos sempre ter prática de leitura nas nossas... nas nossas casas, que é para melhor entender. Agora, se existe uma palavra difícil, que nós não entendemos nada, é melhor que vocês consultem ou às pessoas mais próximas ou então àquilo que nós chamamos de dicionário para melhor entender aquilo que você está a ler, porque afinal de contas ler é isso mesmo: entender aquilo que você...*

ENT. - Exato!

P1 - *... está lendo.*

ENT. - Ok!

P1 - *Sim, sim.*

ENT. - E para além de, por exemplo, eh... para além de extração de palavras de difícil compreensão assim digamos, tem outros mecanismos, outras técnicas, outras estratégias para poder ensinar a ler ao aluno... ou que possa incentivar a leitura?

P1 - *Eh... Por exemplo para a leitura superficial... eu quando falo de leitura superficial é pegar num livro e começar a ler, mesmo sem entender aquilo que eu estou (riso)... estou a ler...*

ENT. - Ok!

P1 - *... Então, eu tenho feito o seguinte: porque o que tem acontecido é: eu descobro alguns alunos que nem essa leitura superficial...*

ENT. - Conseguem...?

P1 - *... Conseguem... Então, para esse tipo de aluno, eu tenho feito algumas estratégias: porque existem alguns alunos que pelos menos o [A/a] conhecem que o [A/a] escreve-se assim, o [B/b] conhecem que o [B/b] escreve-se assim. Então, eu tento juntar a letra [p], por exemplo, nem, a letra [p] com [a]. Eu pergunto a ele: como é que isso podemos chamar? Ele diz: É PA/pa...*

ENT. - Ok!

P1 - ... a letra [T/t] com [A/a]. E isso aqui? Ele diz que é TA/ta. Agora, juntando como é fica? Às vezes, o aluno fica sem... (riso), sem como... Não sabe como é que nós podemos juntar as palavras. E eu pergunto: olha, qual é o seu nome? E ele diz: - Eu sou Pedro António. - É Pedro António? Está bom! O seu pai é que? - É António. Você é quem? - Pedro. - O seu nome completo? - Pedro António. - Ok. Vamos supor que o Pa é seu nome e o Ta é nome do seu pai. Agora, juntando como é que podemos, eh, chamar essa palavra? E o aluno aí logo consegue: ah, afinal, se eu sou Pedro, o meu pai é António e chamo-me Pedro António. Então, aqui se é Pa, sou eu e Ta é meu pai, então é pata (riso). Então, eu tenho usado muitas vezes essa estratégia para fazer com que o aluno saiba... eh...

ENT. - saiba ler?

P1 - ... Sim, sim.

ENT. - Ok! E essas atividades que tem desenvolvido, será que variam, ehmm, em função das condições da escola, das capacidades dos alunos, do nível de escolaridade desses alunos?

P1 - Eh, como eu adiantei, podem sim variar do nível de escolaridade, porque do jeito que eu hei de dar aulas, como eu hei de fazer com que um aluno da... 6ª classe aprenda a ler e um aluno da... 8ª aprenda a ler é diferente porque eu mesmo sei que o aluno da 6ª classe é um aluno que está mais próximo do nível inicial, ao passo que o aluno da 8ª classe está num nível mais adiantado em relação a este primeiro aluno. Então, eu devo saber como é que posso levar este primeiro aluno e o segundo aluno, que neste caso está num nível mais adiantado.

ENT. - E como é que avalia, no dia a dia, (repetido) nas aulas, como é que avalia a leitura dos alunos?

P1 - Eh, primeiro, eu diria que a leitura está bem vinda. Mas agora acontece que nós temos enfrentado problemas nos professores de língua portuguesa ...

ENT. - Hmhu?

P1 - ...porque? Porque o nosso país está com aquilo que nós chamamos de Novo Currículo, há um sistema que se introduziu esse de Novo Currículo, então, o que tem acontecido é: o professor sai de casa preparado para uma certa aula de língua portuguesa, chega lá... porque o aluno sabe, de antemão, saiu de casa sabendo que quando chegar no fim do ano eu hei de passar de classe, porque há uma coisa que obriga que os alunos passem de classe, então, o professor pode explicar, falar isto mais aquilo, mas o aluno continua parecendo que não está na... na aula...

ENT. - Mmhu!

P1 - ... Então, o professor, às vezes, perde (des)gosto, porque aquilo que ele fala, até que é obrigado a voltar para uma aula que ele devia ter dado na... na primeira ou mesmo na segunda classe, porque o aluno está na sétima classe, mas não conhece mesmo coisas que ele já aprendeu na... na primeira, porque na primeira ele não estava com aquilo de que ia à escola [para] estudar, mas sim porque eu assim vou lá presenciar para no fim do ano passar de classe. Então, esse tipo de aluno... nós... porque o professor que dá aulas na primeira é diferente do professor que vai dar aulas na terceira... na quarta classe. Porque esse da quarta sabe que o aluno lá onde saiu já aprendeu o que é [A/a]. Então, se... se ele passa a ensinar aqui o que é [A/a], significa que não vai cumprir com aquilo que são os objetivos, não vai cumprir com os objetivos. Ele fica então atrasado naquilo epa deve reparar aquele aluno que não conhece o que é [A/a]...

ENT. - Ok!

P1 - ... Enquanto, normalmente, o aluno da 4ª classe devia saber o que é [A/a], como é que se escreve a letra [A/a]. Agora, nós enfrentamos problemas desta natureza. Então, o professor, significa que o professor é obrigado a voltar para as aulas da 2ª classe e deixa aquilo que devia dar nesse... nesse dia, porque existe um número maior de alunos que não vão entender aquilo que é a aula do dia, porque ainda não aprendeu alguma coisa lá atrás. Então, o professor é obrigado a voltar de novo para atrás...

ENT. - Humm.

P1 - ...Sim. Não é mau um professor voltar para as aulas das classes anteriores, mas agora quando é um voltar total, isso prejudica o próprio professor.

ENT. - Mas... mas, eh..., deixa ver se entendi. Portanto, por exemplo, está a falar de alunos que estão na sétima classe ou sexta ou quinta classe... numa classe um bocadinho avançada, não é?

P1 - Sim...

ENT. - E, depois, o professor nota que esses alunos não conseguem ler?

P1 - Sim, sim.

ENT. - Portanto, quer dizer que fez uma avaliação?

P1 - Sim.

ENT. - Então, como é que faz essa avaliação para saber que esse aluno não sabe ler? Ou este aluno sabe ler? Como é que avalia?

P1 - *Eh, a minha avaliação, para o meu caso, tenho feito da seguinte maneira: primeiro, hamm um professor de português vem com um texto, primeiro?*

ENT. - *Mmmhu.*

P1 - *Então, existe aquela coisa de ler silenciosamente o texto, depois passa aquela fase de ler em voz alta ou em conjunto, nem?*

ENT. - *Mmhu!*

P1 - *... Porque em conjunto os alunos podem estar a gaguejar aquilo que alguns sabem ler podem estar a fazer...*

ENT. - *Exato!*

P1 - *... Então, mais tarde, tenho feito aquilo de levantar pelo menos cinco ou seis alunos na turma, para ver se podem ler...*

ENT. - *Mmhu!*

P1 - *... e o que leem será que entendem? Então, quando faço isso, costumo ver que hamm, afinal das contas, este problema que o aluno tem não é um problema daqui. Este problema o aluno levou de lá donde... onde saiu. Agora, e eu como professor não devo deixar este assim...*

ENT. - *Mmhu!*

P1 - *... porque senão não vou ensinar nada. Aquilo que eu estarei a trazer da minha casa para aqui não há de... não há de valer. Então, eu devo ainda voltar para onde? Para atrás.*

ENT. - *Mmhu!*

P1 - *... É para qualquer dia este aluno poder entender o que eu estarei a dar aulas... o que são aulas da sexta... da sexta classe.*

P1 - *Sim, sim*

ENT. - *Muito bem! E [para] terminar a nossa entrevista, tem alguma questão que possa... que queira acrescentar?*

P1 - *Eh, sim, sim. Isso não pode faltar. É uma questão relacionada com um ponto útil aí no meio quando estávamos a conversar.*

ENT. - *Sim.*

P1 - *É assim: nós, eh... eu, por exemplo, em particular, estou a gostar... gosto dos métodos como são feitos, nem, atualmente. Eh, o novo sistema de ensino como é que está. Está bem vindo. Mas agora há uma coisa que deviam mudar... essa coisa de passagem semiautomática.*

*Porque o que está a acontecer aqui no distrito, a passagem não é semiautomática, aqui é automática.*

ENT. - Ok!

*P1 - Eh, o que nós estamos a ver [é que] um aluno da décima classe, por exemplo, ou da sétima classe de (...) é diferente do aluno da sétima classe de Lichinga, porque o aluno da sétima classe de Lichinga é mais desenvolvido. Um aluno da sétima classe em Lichinga pode ser um aluno que saiu dos pais, pelo menos, em casa tem computador. Ele aprende aí, não sei que... Agora, o nosso aluno daqui nem computador conhece, nunca viu na vida. Talvez só ouve dizer que existe... existe computador. Agora, estar a comparar o aluno da cidade e do campo, isso não é... não é válido. O aluno daqui nem o próprio português sabe falar. Pode mandar, na sala de aula: olha, vai fora. Ele não vai, continua sentado. Mas o aluno de lá, pelo menos isto de vai fora sabe a partir dos pais lá em casa. Então, não podem implementar sistemas de ensino que estão nos países desenvolvidos para um país como este subdesenvolvido. Então, isto... (riso).*

ENT. - Mas não acha que depende das conceções dos professores em relação à passagem semiautomática e da forma como foi implementada?

*P1 - Não. Não é. Eu... eu... eu tenho prova disto durante estes quatro anos que estou aqui a dar aula. Porque o que acontece é: eu conheço os meus alunos. Porque quem conhece os alunos é o professor que está a dar aula aos alunos. O professor sacrifica-se para ver se os seus alunos podem saber ler e escrever...*

*... mas acontece que no fim do trimestre ou do ano, aparece aí um alguém e diz assim: olha, o que eu quero aí é só noventa porcentos ou cem por cento. Não quero ouvir que o fulano... o fulano chumbou, não sei o que ou tem duas pessoas que chumbaram. Agora, se se chumba esse alguém, você tem de fazer uma declaração ou chamar o encarregado. Agora o professor começa a ver: mas agora eu para chumbar um aluno é preciso chamar encarregado? Escrever isto mais aquilo, enquanto o aluno não sabe? Para facilitar o seu trabalho, o aluno deixa... aliás o professor deixa o aluno ir porque, primeiro é o chefe que obrigou, que não quer oitenta porcentos, quer noventa porcentos. Quer dizer, pode existir aí um aluno que não sabe, um aluno que sabe mas o que interessa a ele é ver a todos enquanto já passaram. E isto prejudica os níveis de...*

ENT. - De escolaridade subsequentes?

P1 - *Sim. É verdade. Então, eu, eu gostaria que mudassem o sistema de ensino em Moçambique. Sim.*

ENT. - Muito bem!

P1 - *Bem, podem não mudar, mas esta coisa, como eu disse, de passagem semiautomática é que devia acabar. Mas os livros atuais, os programas de ensino, os outros materiais didáticos são bem-vindos. Até que estão mais desenvolvidos em relação no tempo em que nós estudamos. Mas a única coisa que está estragada é essa: passagem semiautomática.*

ENT. - Está bem!

P1 - *Sim. Porque o aluno não pode sair de casa com aquilo... Finalmente, temos alunos indisciplinados porque sabem que eu aqui mesmo fazer isto mais aquilo, mesmo não ler, não escrever, no fim do ano eu hei de passar de classe. É o que acontece (riso)*

ENT. - Está bem! Muito obrigado, senhor professor (...).

P1 - *Obrigado eu também.*

FIM



## **P2 (7ª Classe)**

### **EPC – I**

ENT. – Estamos na EPC de (...)

(...)

ENT. – Senhor Professor (...), como já tivemos a oportunidade de conversar acerca dos objetivos desta entrevista, gostaríamos de saber o que é, para si, ensinar a ler ao aluno?

P2 – *Bem Ensinar a ler a um aluno é darmos-lhe alguns conceitos sobre como ele deve desenvolver a sua capacidade leitora. Sim, sim.*

ENT. - Pois. E qual é a base dessa sua maneira de pensar em relação ao ensino da leitura?

P2 - *Eh... isso tudo se baseia nos conceitos básicos do programa também do ensino básico.*

ENT. - Mmhu?

P2 - *Sim.*

ENT. - Será que tem uma outra base de ensinar (a leitura) a ler?

P2 - *Sim, existe. Porque às vezes o aluno, por exemplo, vamos, eh... na base de algumas imagens. O aluno também vê na leitura de imagens, podemos ver alguém a fazer alguma coisa e eu questiono, epa, praticando com aquela imagem, o aluno diz, épa, através de imagem o aluno diz, epa, questionando o que está a fazer tal... a tal imagem o que está acontecendo. E dali o aluno pode falar na língua portuguesa: a tal imagem nos entende isto, isto. Então, daquilo ai, eu posso passar uma frase. Da frase, e eu também repito com base naquelas imagens; o aluno também adota-se dali na leitura.*

ENT. - Pois!

P2 - *Sim.*

ENT. - E para além desses exercícios que tem feito, existem outras formas... outras atividades que desenvolve para poder ensinar a ler?

P2 - *Sim. Porque, por exemplo, na sala de aulas, utilizamos depois da leitura, eh..., depois da leitura silenciosamente, lemos isso silenciosamente, eh... coletiva, eh... o professor também e (individuais) leitura individual...*

ENT. - Ok!

P2 - *Sim, ali é onde ganhamos... em que nível o aluno está na leitura... Existem aqueles mais rápidos, aqueles que veem... E nessa base também o aluno... conhecemos e o professor também [se] autoavalia...*

ENT. - Ok!

P2 - *... e no ensino.*

ENT. - E como é que faz a leitura dialogada ou oral?

P2 - *Bem, por exemplo, a leitura silenciosa, depois de abrir o livro na página X, o professor orienta os alunos; lê silenciosamente, dali o aluno (quando aquilo) depois de ler silenciosamente, ele conhece: isto aqui estou assim, aqui dessa maneira. Yah. Então, mas dali porque dali já tinha um pouco de ideia, de conhecimento de leitura...*

ENT. - Sim!

P2 - *... então, dali, eh... se há uma parte que ele dificulta quando aparece leitura eh... geral do professor, ele também costuma verificar qual é o tom que tira o professor na palavra dali também nota que afinal essa palavra lê-se assim dessa maneira...*

ENT. - Ok!

P2 - *... então, sim, depois de silenciosamente, começa onde ele gagueja e depois em coro e o professor... ele começa também a adotar o tom.*

ENT. - Em termos de leitura, nem?

P2 - *Sim...*

ENT. - Como é que avalia no dia a dia, na sala de aulas, como avalia os alunos?

P2 - *Yah... No dia a dia, isso aí, epa..., é positivo, eh..., desde que leve o aluno no desenvolvimento do programa do ensino. Então, no dia a dia, temos avaliado no positivo.*

ENT. - Como é que faz e o que é que faz para poder avaliar ao aluno?

P2 - *Yeah, adota-se nos TPC 's, às vezes.*

ENT. - Mmhu!

P2 - *... sim. E também quando se faz a leitura individual, conhecemos que o aluno X tem dificuldade nisso. Então, às vezes no TPC, eh...? através do TPC, o aluno também em casa, às vezes, há um aluno que na sala de aulas não entendeu bem a matéria...*

ENT. - Ok!

P2 - *... mas com o TPC, um colega não sei o quê... o aluno também ganha habilidade de a partir dali o aluno já tem habilidade de ganhar leitura e por mais em diante.*

ENT. - Ok!

P2 - *Sim.*

ENT. - Será que depende, portanto, das condições da escola, do nível de escolaridades e/ou das capacidades dos alunos (para ensinar a ler) para desenvolver essas atividades de que falou antes?

P2 - *Não. As atividades não baseiam para esses níveis de escolaridade ou condições das escolas e as capacidades dos alunos, não. Porque se nós vivemos hoje em dia, e a nossa África e o nosso país sofreu de guerra, então existem hoje em dia alguns que têm dom de conhecer algo mas passando por consequências...*

ENT. - Mmhu!

P2 - *... mas chegando numa fase boa, sabendo isso, mas vamos lá a investigar donde saiu, nem tinha totalmente das condições onde ele partiu mas hoje sabe desenvolver algo.*

(...)

ENT. - Obrigado, Senhor Professor pelo tempo que nos concedeu para esta entrevista.

P2. - De nada.

FIM

### **P3 (4ª Classe)**

#### **EP1- I**

ENT. – Estamos, neste momento, na EPC (...)

(...)

ENT. – Senhor Professor (...), quanto a si, o que é ensinar a ler a um aluno?

*P3 – Heeee... para mim, ensinar a ler uma criança ou um aluno é... (tosse) posso dizer que é mandar aprender a ler e escrever eh... Aprender a ler e a escrever é levar o aluno a aprender alguma coisa para que ele amanhã se guie com aquilo que nós estamos a dar.*

ENT. - Ora! Quais são os fundamentos, qual é a base dessa sua... dessa sua ideia, dessa sua conceção, desse seu pensamento?

*P3 – Eh... A base é seguinte: para mim, é tirar o analfabetismo na criança.*

ENT. - Pois! Mas como é que pode tirar esse analfabetismo?

*P3 – Oh... A maneira de tirar é a seguinte: eh... suponhamos que nós queremos ensinar a criança a ler e a escrever... eh, por exemplo eu, tenho métodos que eu uso nas minhas aulas com a quarta classe: primeiro, as crianças... eu vejo o nível em que elas estão e analiso que estas são crianças que passaram da primeira, segunda terceira... e eu estou com elas na quarta classe... He, para pelo menos aprender a ler e a escrever, primeiro devo usar o abecedário... Hmm? Com o abecedário, é com base naquilo que a criança vai saber ler e escrever. Como? Devo levar, por exemplo, existe a letra [A/a] e a letra [C/c], juntando, nós podemos ler [CA/ca] e a criança aprende e sabe que levando [A/a] ou [I/i], juntando com aquilo faz alguma coisa. É assim como eu uso.*

ENT. – E quais são as outras atividades que tem desenvolvido para além deste método de ensino de ensino da leitura e da escrita?

*P3 - Eh, algumas outras atividades que eu aplico lá no terreno, lá na minha turma, eh..., são as seguintes: ao invés de eu implementar os abecedários, às vezes, eu costumo reunir as crianças em grupo, e eu estou a ler o texto e as crianças estão a me seguir atrás em coro É assim como eu estou a usar.*

ENT. – E para si, estas atividades dependem do nível de escolaridade dos alunos, da idade e... das condições da escola, para ensinar [essas atividades] para ensinar a ler dessa forma que falou antes...?

*P3 – Eh, de facto, para mim, o nível, claro que depende... do nível das crianças...*

ENT. – Pois!

*P3 – ... porque o nível que eu uso na quarta classe não é o mesmo nível que eu uso para as crianças na primeira classe ou na quinta classe...*

ENT. – Pois!

*P3 - ... é diferente. E outra coisa é: para as crianças, aprender a ler e a escrever,... o nível que nós podemos usar na primeira classe não é o mesmo nível que nós podemos usar na quinta classe ou na quarta classe...*

ENT. Hmmhu?

*P3 - ... é diferente Isso considerando a idade que a criança tem e as capacidades que a criança trás... é muito diferente. Sim!*

ENT. – E as condições da escola?

*P3 – He... No caso do nível em que eu estou a lecionar, a quarta classe, as condições desta escola são favoráveis.*

ENT. E a maneira como ensina, por exemplo, aqui no distrito, eh... seria a mesma...

*P3 – Não, não, não*

ENT. ... a mesma forma como se estivesse na cidade

*P3 – Seria diferente porque, nós, primeira coisa, não usamos os métodos como se estivéssemos na cidade. Primeiro seguimos a linguagem, o ambiente da zona e..., por exemplo, a língua portuguesa, para eles é a língua segunda, nem?*

ENT. – Pois!

*P3 – Yah! É preciso nós seguirmos, na língua deles, para conseguirmos traduzir algumas palavras.*

ENT. – E como é que avalia, portanto, a leitura dos alunos, no processo de ensino e aprendizagem?

*P3 – He...*

ENT. - Como avalia a leitura dos seus alunos?

P3 – *Eh..., a minha maneira de avaliar a leitura... eh, por exemplo, eu ensino... e depois...depois de eu ensinar, nem...*

ENT. – Hmmhu!

P3 - ... *mando levantar um por um... se existem algumas crianças que conseguem gaguejar alguma coisa, nem... ler alguma coisa, existem algumas que não conseguem dizer nada. Eu consigo avaliar que aquela criança até agora ainda tem dificuldade.*

ENT. – Eh, quais são os outros métodos que tem usado para...

P3 – *Eh, por exemplo, quando tenho... quando tenho alguma coisa, aliás alguns métodos que eu uso, depois de eu saber que, epa, aquela criança está daquela maneira, eu mando... depois de ver que o meu tempo já está...*

ENT. – Esgotado?

P3 - – ... *esgotado!... mando para que, depois de nós sairmos para casa, devem ir aproximar aqueles que aprenderam alguma coisa, nem?*

- ENT. – Hmmhu

P3 - ... *para eles irem ter um pouco de noção lá e aprenderem a ler lá em casa... Porque não se aprende na escola, nem? Nós já sabemos.*

ENT. – Ok!

P3 - ... *mesmo lá em casa, um aluno interessante e mesmo aqueles que têm pais interessados que os seus filhos aprendam, eles podem pedir os pais para que... ou alguns irmãos para que [sejam] ensinados de novo. É assim.*

ENT. – Muito bem! E para já, em relação ao processo de ensino da leitura, tem alguma coisa a acrescentar, tem algum comentário ou alguma recomendação?

P3 – *Eh, eu não tenho a dizer muita coisa e não tenho a dizer muita coisa, não sendo agradecer por aquilo que o mano está a fazer e somente que... é elogiar o nosso trabalho e agradecemos pela sua presença.*

ENT. – Muito obrigado.

P3 - *Obrigado*

FIM

## **P4 (3ª Classe)**

### **EP1- II**

ENT. – Estamos, neste momento, na EP1 (...)

(...)

ENT. – Senhor Professor (...), para si, o que é ensinar a ler a um aluno?

P4 – *Bem, para mim, ensinar a ler ao aluno é... ehh... estar diretamente proporcional no conteúdo e o aluno ser capaz de fazer tudo aquilo que nós pretendemos fazer concretamente escrever e ler.*

ENT. – Pois é!

P4 – *Yah.*

ENT. - E qual é a base desse... desse seu fundamento?

P4 – *Bem, a base do meu fundamento, primeiro dizer que o que baseio muito mais é na expressão da oralidade... a expressão e a oralidade da criança.*

ENT. – Pois!

P4 – *Sim.*

ENT. – E ao ensinar a ler, quais são as atividades que tem desenvolvido portanto nesse processo?

P4 – *Bem, nesse processo, eu tenho usado um processo muito fácil, de acordo com o nível do aluno e as condições concretas que eu encontro lá no terreno.*

ENT. – Pois!

P4 – *Sim.*

ENT. – Mas quais são concretamente as atividades que tem desenvolvido para ensinar a ler?

P4 – *Bem, de princípio, quando forem umas classes assim tão pequenas iguais a primeira e a segunda, tenho repetido as vogazes...*

ENT. – Pois!

P4 – *... então, com base nas vogazes, tenho obtido bom... boa entrada... boa entrada e boa saída. Mas com tudo isto, usando as vogazes, na qualidade de um aluno da primeira, primeiro...*

ENT. – Vogais?

P4 – *Sim. Tenho usado as vogazes...*

ENT. – Vogais?

P4 – *Ora, as vogazes...*

ENT. – Vogais?

P4 – *Vogais, sim. Mesmo assim, ele tem enfrentado algumas dificuldades porque: primeiro ponto, quando formos eh numa zona ou num povoado, para ele a língua portuguesa é uma língua tão difícil. O que tem facilitado é a língua da própria zona em que em comunicação: por exemplo a língua yao. Tenho entrado com eles que é para facilitar o processo de ensino. Se eu for a usar este processo diretamente proporcional da escola é tão difícil e finalmente acabamos não arrecadando um bom aproveitamento.*

ENT. – Exato!

P4 – *Sim. Então, tenho usado uma língua local para ver se eles podem conseguir entrar no caminho... isso tudo sobretudo na primeira...*

ENT. – Ok!

P4 – *... e para conseguir um bom aproveitamento, é preciso também o próprio professor rebaixar-se, pôr-se no grupo ou na linha das crianças, para ver se a criança pode ter um bom sucesso. O que adianta na criança em não aprender primeiro é o medo...*

ENT. – Pois!

P4 – *... primeiro é o medo e depois do medo, ele já conclui de que aqui não era também... não há que dizer que o professor é mau. Então para evitar isso, é preciso pôr-se ao nível da criança, pôr-se no nível do aluno para que o aluno sintasse, se sintasse livre e expresse-se sem nenhum problema e sem nenhuma dúvida.*

ENT. – Pois é!

P4 – *É como nós temos usado lá.*

ENT. – E essas atividades que... que tem desenvolvido para ensinar a ler variam de acordo com o nível de escolaridade, as condições da escola e as capacidades dos alunos?

P4 – *Bom, primeiro dizer que varia de acordo ao nível de classe. Não é possível eu ter que usar os mesmos... os mesmos caminhos da primeira assim como da segunda...*

ENT. – Pois!

P4 – *... Sim... Tratando da classe inicial, tenho tido um tipo de colaboração, um tipo de cooperação para que nos entendamos...*

ENT. – Pois!



P4 – ... *Sim... Então, é diferente da primeira. Os métodos que eu tenho usado para a primeira são diferentes com os da segunda e os da segunda são diferentes com os da terceira, dependendo da capacidade, do conhecimento do aluno, sobretudo na oralidade...*

ENT. – Pois!

P4 – ... *Sim.*

ENT. – E como é que avalia essa leitura? Quais são os mecanismos que tem usado para poder avaliar a leitura?

P4 – *Bem, para avaliar o processo de leitura nos... nas crianças, se caso todos eles ou dos vinte e três ou dos quarenta e três, dependendo do número de alunos existentes na sala, se existirem uns dez dos que sabem ler, faço uma divisão em grupo, faço uma divisão em grupo. Cada grupo tem de conter um ou dois dos que sabem ler. Então, com base desses outros que sabem ler vão puxando aos outros. Apesar de [ser] por imitação, mas vão tendo pequenas... pequenas noções, informação quanto à leitura. Depois dum tempo, eu desembarço os grupos...*

ENT. – Ok!

P4 - ... *os grupos podem ler, ficam entre eles e dos que não sabem entre eles e mando ler de novo para ver se eles podem conseguir puxarem-se ou não...*

ENT. – Ok!

P4 - ...*é assim como eu tenho feito.*

ENT. – Está bem!

P4 – *Sim.*

ENT. – Tem alguma coisa por acrescentar em relação a esta nossa conversa?

P4 – *Bem, em relação a esta, não tenho mais nada por acrescentar, a não ser dizendo o seguinte, nem, para os que têm essa possibilidade de fazer o livro ou de retificar ou fazer, refazer o mesmo livro deviam ter em conta com este processo em como aqui, por exemplo, os da cidade, os métodos que são usados na cidade e os de lá fora são métodos muito diferentes. Eles usam os próprios métodos adequados, escritos. E com a criança da cidade, de facto, a expressividade, a linguagem, eh, a língua portuguesa para ela usa como uma língua corrente, enquanto que lá fora é tão difícil. É tão difícil porque estamos alocados numa área em que a língua portuguesa é tão difícil mesmo.*

ENT. – Exato

P4 – ... *Ali quase é uma língua estrangeira que está em vigor. Por isso, se houvesse possibilidades era só de... eles terem que fazer um manual ou um livro de acordo [com o] nível rural.*

(...)

ENT. –Muito obrigado, senhor professor (...)

P4 – *Sim.*

FIM

## **P5 (7ª Classe)**

### **EPC – II**

(...)

ENT. – Senhor professor (...), como já falamos aqui acerca dos objetivos desta entrevista, e indo diretinho para o questionário, para si o que é ensinar a ler a um aluno?

P5 – *Bem, para mim, ensinar a ler é inculcar os conhecimentos no aluno, de modo que tenha aquele aperfeiçoamento na leitura, porque o aluno como tal, eh..., quando vai na escola, vai com mínimas partes de conhecimento. Então, o aluno necessita de ter um conhecimento profundo na leitura. Então, por isso, para mim, ensinar alguém a ler é mais ou menos isso. E num sentido amplo, posso dizer que ensinar a ler é fazer compreender uma determinada ação [...] Ensinar a ler é utilizar procedimentos para que esse aluno saiba aquilo que está escrito, aquilo que está na sociedade, aquilo que está na mão, aquilo que está com ele a qualquer momento.*

ENT. – E porque é que pensa que é isso?

P5 – *Penso que é isso porque o aluno tem que ter habilidades na leitura. O aluno claro que vai na escola para aprender, mas o aluno não vai na escola como se fosse um vazio, como se fosse uma tábua rasa. O aluno vai na escola para ter conhecimentos de leitura.*

ENT. – E no dia a dia de trabalho, quais são as atividades que tem levado em conta na sala de aulas ou fora da sala de aulas para que ensine a ler aos seus alunos?

P5 – *Sim, para mim, levar o aluno, as atividades que o aluno pode encarar, de modo que tenha uma leitura eficaz, eh, tenho feito, eh, nalgum momento tenho feito, eh... quer dizer, aquela atividade de... quer dizer, de levar uma palavra com a outra, fazer uma ligação, e... e... quer dizer, a palavra carro com a outra, logo lê-se, por exemplo, leva a letra [N/n] com a outra... a letra [A/a], logo vai se lê [NA/na]. Então, essa ligação considero uma das atividades que... que um professor deve fazer, de modo que, eh, seja, quer dizer, seja mesmo uma leitura... tenha uma palavra completa, nem.*

ENT. – Exato. E para o caso da sétima classe, já que é uma classe um bocadinho mais avançada, que outras atividades tem desenvolvido para que eles ainda aperfeiçoem a leitura?

P5 – *Eh, como as sétimas classes, eh... porque nas sétimas classes, eh, quer dizer, o grau de compreensão dos alunos é muito diferente. Eh, então, existem aqueles alunos, os mais inteligentes, que eu considero que estes são mais inteligentes que os outros. Esse tipo de aluno, esses mais fracos, eu tenho incentivado, eh, a praticarem aqueles exercícios para casa ou exercícios da sala, de modo que... quer dizer, costumo fazer, quer dizer, costumo fazer grupos, um grupo de alunos daqueles que eu acho de que esses, eh, não são minimamente assim inteligentes e depois levo uns dois inteligentes junto naquele grupo. Então, o maior número será daqueles não entendem nada. Então, esses dois é para serem mediadores daqueles que não entendem minimamente coisas necessitadas.*

ENT. – Que tipo de avaliação tem feito para saber que este aluno é fraco e este já tem habilidade na leitura?

P5 – Sim, porque eu tenho avaliado alunos mais fracos e outros mais inteligentes.

ENT. Como é que faz a avaliação?

P5 – *A avaliação, por exemplo, logo no primeiro dia das aulas, eu costumo, quer dizer, avaliar os alunos depois duma semana ou duas, a terceira semana mando-lhes fazer uma ACS e eu vou avaliar as notas. Então... e também a escrita em si, nos alunos, logo noto que esse aluno, a forma de escrever, não vai além dos conhecimentos necessitados, nem. Então existem alunos também que mostram interesse no ensino... no processo de ensino-aprendizagem. Quer dizer, a escrita em si, logo o professor fica convencido de que este aluno, eh, não vai me complicar na leitura ou na escrita.*

ENT. – E essas atividades que tem desenvolvido, será que dependem do nível de escolaridade dos alunos?

P5 – *As atividades que tenho feito na sala, eh, nalgum momento dependem do grau de compreensão dos alunos. Hmm, porque o que se aprende na sétima classe nunca vou dar naquilo que se aprende na...na quinta classe. Então, uma coisa tem a ver com a outra. Quinta classe são..., quer dizer, é uma classe, sim..., que o aluno basta transitar, vai para a sexta e lá na sexta não quer dizer que é uma matéria nova que vai obter. É uma continuidade. E essa continuidade é em forma de um desenvolvimento, nem? Sim. Claro que a forma de transmitir os conteúdos não altera, mas os conhecimentos são mais aprofundados.*

ENT. – Ok. E as condições da escola, aqui onde nós estamos, será que, eh, dificultam ou ajudam na compreensão da leitura, para o caso da sétima classe?

P5 – Bem, a sétima classe, eh, a leitura tem sido assim um pouco complexa por causa de material didático. He, nós encaramos algumas dificuldades de manual do aluno. Então, é normal uma turma de noventa e cinco, noventa e oito alunos, numa única turma, os livros ali, os manuais do aluno são... não satisfazem a todos. Se calhar são dez alunos... para uma turma de noventa e tal alunos. Então, dificulta a leitura nesse sentido, nem, nas sétimas classes.

ENT. – E no ensino, tem tomado em consideração aquilo que são as capacidades dos alunos?

P5 – Sim, tenho tomado em consideração as capacidades dos alunos. E o facto de o manual do aluno haver, quer dizer, acarretar, nem, quer dizer haver umas dificuldades, eu tenho feito..., tem-se feito o que, quer dizer, formar alguns grupos de alunos de dez ou de nove-nove, de modo que eles tenham uma leitura em comum e daí dentro desse grupo vou avaliar quem lê com mais facilidade e quem lê com dificuldade. Então, dali aqueles que eu acho que estes têm problemas na leitura mando incentivá-los fazendo alguns exercícios, trabalhos para casa, quer dizer, entre... entre... em grupo e não só individualmente, em grupo.

ENT. – E falou de alunos que... alunos fracos e outros ainda com algum potencial na leitura, quanto alunos mais ou menos, na sua turma, sabem ler?

P5 – Eh, por exemplo eu como tenho quatro... quatro turmas das sétimas classes, é normal numa turma de noventa e cinco alunos, trinta alunos costumam saber ler perfeitamente e o resto, nos vinte costuma ler minimamente e o resto tem lido com dificuldades, leem com dificuldade.

ENT. – Ok. Quais são as recomendações que quer deixar aqui passar?

P5 – Bem, a recomendação que eu queria deixar era de... eh..., nós como professores temos que ter aquele amor de dar aulas, de incentivar os alunos a aprenderem mais, eh, a ter muita leitura e também, eh, gostaria que o governo nos abastecesse mesmo livros em grande quantidade porque nós passamos mal. Manual do aluno..., não temos manual do aluno, programas de ensino. Às vezes aqui... aqui nesta escola aqui de Nzinje, na província do Niassa, eh, temos tido problemas de manual do aluno. Por isso a leitura se torna um pouco assim difícil, nem?

ENT. – A escola tem biblioteca?

P5 – Só neste ano improvisamos uma sala como biblioteca, mas não tem livros suficientes.

ENT. – Muito bem. E quer acrescentar alguma coisa que teríamos esquecido e que teríamos abordado?

P5 – *Eh, eu não tenho mais outra coisa a dizer. Acho que o muito é isso que eu frisei de que nós, como professores, temos que ter aquele amor e carinho para com os nossos alunos. Eh, ter o amor... amor ao ensino das nossas crianças, filhos, sobrinhos e muito mais. Então, incentivar a criança a ter uma aprendizagem... um ensino-aprendizagem com qualidade. Sim.*

ENT. – Muito obrigado, senhor professor.

FIM

## **P5 (4ª Classe)**

### **EP1 – III**

ENT. - Estamos na Escola Primária (...)

ENT. – (...) quanto a si, o que é ensinar a ler?

P6 – *Bom, num sentido restrito... amplo, posso dizer que ensinar a ler é fazer compreender uma determinada ação. Em outra questão, como estamos a referir de umas palavras como a leitura, ensinar a ler é o método de utilizar o procedimento para que esse aluno saiba aquilo que está escrito, aquilo que está na sociedade, aquilo que está na mão, está com ele a qualquer momento.*

ENT. – E qual é a base dessa sua orientação, dessa sua conceção, desse seu pensamento?

P6 – *Eh, a base é através de... a partir do próprio desenvolvimento da própria criança. Porque... refiro-me nesta questão porque, na medida em que a própria criança lê, independentemente do local onde está, tenho de avaliar a partir do próprio comportamento, o... a forma de... de aglutinar ou se encontrar ou conversa com os amigos, como se ambienta, é a partir daí que eu vou saber que metodologia, que procedimentos eu vou prosseguir, de modo que esse saiba ler e escrever, uma vez que estamos a ver que as crianças... há outras que saem num... nuns locais suburbanos, nem língua portuguesa não conhecem nem nada, tenho de aplicar aquelas metodologias de modo que aquela linguagem ou aquele conhecimento chegue a ele.*

ENT. – Por falar de metodologias que tem aplicado, quais são as atividades tem desenvolvido para que esses alunos leiam?

P6 – *Tento utilizado metodologias várias:*

ENT. – Sim!

P6 – *Bom, eh, para utilizar metodologias várias que estou a referir, é porque devo partir através do tema em si que vou introduzir nesse dia. Se o tema tem a razão de ser aplicado como, eh, método de observação-representação, tenho de tirar os alunos para fora para ver o ambiente. Sim, isso que estou a referir, por exemplo, falo das ciências naturais, estou a falar de nuvens, tenho ver onde a nuvens onde é que fica, onde é que é, quer dizer o material didático em frente.*

ENT. – Pois! E quais são... ainda tem outras formas que tem levado em conta para ensinar os alunos a lerem na sala de aula?

P6 – *Eh, para fazer ler e escrever dentro da sala de aula, eh, aí primeiro tenho de... se é a leitura, tenho que utilizar todas as categorias, todos os passos, de modo, eh, eu a descobrir onde*

*é que posso enquadrar, para de modo que esse... esse tema seja relevante para eles, seja compreensível e aproveitável para eles.*

ENT. – E as atividades que tem desenvolvido, portanto, na sala de aulas, elas variam de acordo com o nível de escolaridade, as condições da escola e as capacidades dos aluno?

P6 – *De facto, variam. Variam, sim, porque, eh..., a metodologia que eu vou utilizar na primeira classe não é a mesma que vou aplicar na segunda classe. Principalmente na primeira classe não vou aplicar a leitura silenciosa. Sempre tenho de ir com coisas reais. Se falo de Matemática ou se falo de Português, por enquanto, como na leitura, o Português, tenho de me basear naquilo que é laranja. Eles conhecem a laranja; banana, conhecem a banana. Não posso me basear numa metodologia que não pertence àquela classe. Segunda classe ou a quarta classe ou a quinta classe, tenho de... leitura silenciosa, leitura em conjunto, individual, são passos que vou seguir de modo que aquela criança, aquele aluno leve a matéria em conhecimento. É assim que ele pode escrever.*

ENT. – E as condições da escola são determinantes, portanto, no ensino da leitura?

P6 – *Sim, a leitura... pode... as condições podem não ser favoráveis para que a leitura seja mais breve, nem, quer dizer, facilitar para que o aluno aprenda mais rápido a leitura, através das condições. Imagina: um aluno que se senta em baixo, sem carteira não está emocionado! A criança sai em casa limpa e volta super suja porque o soalho nem... nem... nem está...*

ENT. – ... nem está limpo!

P6 – *... nem está limpo e depois nem argamassado nem nada e nem... nem... nem as carteiras. De facto a criança não tem moral... não tem moral! Imagine que qualquer pessoa mesmo que... sem moral nada que... faz atividade com toda a vontade, com todo o gosto.*

ENT. – Pois!

P6 – *A criança praticamente escuta, mas em termos de fixação do conhecimento da leitura, escuta e deixa ali. Vai em casa, mesmo com a dedicação em casa, não está pronto porque todo o tipo de conhecimento... não está acatada a informação.*

ENT. – E as capacidades... tem tomado em consideração as capacidades dos alunos para ensinar a ler?

P6 – *De facto, eh, tem, eh..., as capacidades dos alunos, porque há alunos que saem dumaz zonas urbanas que não têm aquela cultura... lá vêm com aquela linguagem... de falar só jaua [yao/ciyao], macua [emakhuwa], mas aqui vem aprender o português. De facto vi ter algumas*



*dificuldades. E aí é preciso aplicar ih... algumas metodologias em termos de linguística... bilingue... bilingue, língua bantu, de modo que faça entender aquela palavra. Se eu digo, por exemplo, laranja, ele vai dizer laranja é o que, porque falei em português. Tenho de tentar falar aquilo em dialeto, daí esse em dialeto, pode ser laranja em jua [yao] é tal coisa. Então tenho de explicar em português de modo que ele venha, eh, ter a capacidade de levar aquela informação em língua portuguesa.*

ENT. – Muito bem! E como avalia, como é que tem feito a avaliação da leitura na sala de aulas?

P6 – *Eh, a leitura eu avalio de várias formas...*

ENT. – Pois!

P6 - *... tento a considerar a capacidade do aluno. Bom há aqueles alunos que têm a capacidade mais rápida, tem outros que têm capacidade muito lenta, pronto: isso depende também da origem onde que sai... conforme falamos...*

ENT. – Exato!

P6 – *... Eh... Eu posso avaliar uma das outras formas: só a leitura; primeiro, vou dar a leitura... imaginemos dum texto, dum texto. Eu vou ler o texto, os alunos vão prestar atenção, vão escutar, depois de escutar, vou mandar que vão ler... vamos ler o texto juntos, em conjunto, pronto, junto com o professor, eu vou iniciar, e eles vão seguindo a leitura, acompanhando pelo próprio texto do livro e... chega a fase que eu vou manda um por um, em grupo, pronto; dali chega... depois de em grupo vai chegar a fase de um por um, pronto. Ali vou ver a capacidade dos alunos. Será que esta matéria já fez... já fiz chegar aos alunos ou não? Depende da resposta que vai sair depois de eu fazer toda essa trajetória da leitura.*

ENT. – Pois! Com essa leitura em grupo, leitura oral, é fácil notar que os alunos não conseguiram ler... alguns alunos sabem ler e outros não sabem ler?

P6 – *De facto, é... é fácil. É fácil porque digo isso a partir da dedicação do próprio professor. Bom! É daquilo que se fala que a pessoa quando trabalha tem de controlar a sua trás, aquilo que você está a fazer, tem que controlar. Estamos a ir ou estamos a voltar ou estamos parados... Então, através do exercício que o assunto... depois da explicação, vai dar exercício, vai dar eh... TPC, mas com esse TPC, amanhã pode recolher esse TPC e saber qual é o aproveitamento da aula passada. Mas referindo dessa leitura dum texto, por exemplo, nos podemos, a partir duma questão que estamos a referir aqui que o aluno deve ser eh... deve ler-se em conjunto, o professor vão começar e daí vai acompanhar, em conjunto os alunos e depois*

*vai levar um por um, vai ler, em grupo, aí a pessoa vai notar qualquer dificuldade; se é fácil ou não.*

ENT. – Hmm, para terminarmos a nossa conversa, existe algum aspeto que passamos aqui tomar em consideração em relação à leitura... aquilo que tem implementado no ensino da leitura?

P6 – *Sim, de facto tem que ter eh... um dos procedimentos, um dos casos que pode ser melhorado, de modo que as crianças saibam ler e venha a praticar a leitura dum sentido mais satisfatório. Tem que ser: melhorar as condições dos recintos onde aplicam os conhecimentos para os alunos. Criemos nesta questão as condições do soalho, as condições das carteiras. Pode não ter carteira, mas sentando-se num sítio onde não vai sujar a roupa dele, ficar em casa porque está desmoralizado e sempre implementarmos a eh, ética de moral do aluno. Dai, da próxima, ele volta à escola com toda a vontade e amanhã um... um... vai acatar a informação, vai acatar o conhecimento com toda a satisfação.*

ENT. – E quais são as recomendações que pode... pode dar em relação ao ensino da leitura?

P6 – *Sobre o ensino da leitura, tenho umas recomendações: eh, uma delas é essa de melhoramento dos recintos, eh... mais capacitações dos próprios professores...*

ENT. – Pois!

P6 - *... eh, considerando que hoje em dia existem alguns professores que não têm aquela ética e vontade. O pior com essas questões de passagem semiautomática que é referida. Terminando dessa porque fica a ver-se que o professor não tem decisão. Já o encarregado passa a ser como se fosse um professor que está a decidir na sala. O aluno, você lhe dar obrigação de... - leia esta palavra: como se lê? 'A/a' . – mais uma vez. – 'A/a' . Mas chega a fase que diz não. Fica parado e não fala nada. Então, quando você diz que amanhã não entra na sala de aula, chega em casa, o pai vem reagir. Então, a partir de nós pais e/ou encarregados temos de ser responsáveis e junto com o professor, com uma coordenação, bem dedicada a criança vai a frente a leitura.*

ENT. – Muito obrigado, senhor professor (...)!

P6 – *Estou muito grato.*

FIM

## **P7 Ensino Especial (1ª e 2ª classes)**

### **EP1 III**

(...)

ENT. - Senhora professora (...), para si, o que é ensinar a ler?

P7 – *Ensinar a ler, quer dizer, é tirar da criança... nós tiramos da criança o analfabetismo porque a criança, lá em casa, aprende o que aprende com os pais. Então, quando vem na escola ele aprende os conhecimentos científicos através dos professores. Como? Nós ensinamos a criança, quer dizer, ele, não é que lá em casa não sabe falar o português. Ele fala o português lá em casa. Mas aqui, nós, quer dizer, acertamos o português da criança de lá em casa. Então, nós aqui conseguimos fazer uma pequena correção, corrigir a criança. Ele lá consegue dizer: ‘ ‘meu mãe ou minha pai’ ’. Mas lá em casa, nós dissemos que está certo, mas quando chega aqui na escola, nós acertamos aquela criança que não pode dizer ‘ ‘minha pai’ ’, deve dizer meu pai. Ali, logo a criança já fica acertada de que afinal é isso: eu tenho de dizer meu pai ou minha mãe.*

*Através dali, nós logo também, a criança, para ela saber ler, começamos a ensinar porque lá em casa não conhecem as letras, não conhecem as vogais. É aqui na escola onde nós transmitimos... a criança, consegue conhecer as vogais, consoantes, ligando em sílabas, pouco a pouco até palavra e ligando até frase. Então, li, a criança já aprende a ler na escola.*

ENT. – Muito bem! Qual é a base dessa sua maneira de pensar

P7 – *A base de pensar dessa maneira porque nós vimos de que a criança não pode ficar só em casa. Então, a criança dever leva à escola porque é na escola onde a criança aprende muita coisa: aprende a colaborar com os colegas, com os amigos; porque uma criança que anda na escola é diferente com aquela que está sentada em casa porque é na escola onde a criança aprende muita coisa. Sim.*

ENT. - Pois é! E para ensinar a ler, quais as atividades que tem desenvolvido na sala de aulas?

Na sala ou fora dela?

P7 – *Nós, na sala de aula, para ensinar a ler à criança, temos alguns exercícios a fazer, para a criança saber ler. Às vezes, mesmo fora. Temos, quer dizer, através desses exercícios, os colegas..., porque numa sala não pode ser uma criança, quer dizer, entrou numa sala logo, ah, ele já sabe ler, não. Ali, naquela sala não todos que não sabem falar bem, que não sabem ler. Ali descobre-se que há uma criança que sabe ler. Então, através daqueles exercícios que o*

*professor dá, é uma criança, você apresenta um objeto, uma criança diz: 'o que é isto?', você pergunta: o que é isto? Ele diz: 'é uma laranja'. Então, o outro aprende daí... daí mesmo. Quer dizer, lá em casa, ele dizia que era um laranja, ali logo vai dizer 'uma laranja' através do outro já ele se apercebeu de que já não é 'um laranja', é 'uma laranja'; é 'uma banana', não é 'um banana' é 'uma banana', através da demonstração... da... da demonstração dos objetos que nós apresentamos na sala de aulas. Mesmo quando queremos apresentar uma planta de que esta é uma planta. A planta tem frutas, não sei... folhas, flores. Ai conseguimos trazer aquilo na sala de aula, mostramos à criança. Tem criança que não conhece o que é folha lá em casa através da... então, conhece através do dialeto. Então, ali logo consegue se corrigir de que afinal folha é isto. Logo nós também interpretamos também em dialeto. Conseguimos fazer isso através de exercícios.*

ENT. – Muito bem! Será que eh... para eh... implementar, portanto, esses exercício, para dar esses exercícios aos alunos, depende do nível de escolaridade?

P7 – *Eu posso dizer que sim depende do nível. Por exemplo, eu sou professora do ensino especial. Aqui na sala, os livros que estamos a utilizar são os mesmos. Mas até os exercícios estamos a pedir ali. Depende, digo depende do nível de escolaridade porque eu não vou dar, quer dizer, plano de mapa enquanto a criança é da primeira, é da segunda. Não pode. Tenho de seguir o nível das crianças.*

ENT. – E... será que as condições da escola também influenciam ou não?

P7 – *As condições da escola influenciam, sim. O não... o não saber ler da criança, ali posso dizer que a escola pode vir influenciar. Por exemplo, influenciam as condições da escola por motivo das salas: as salas são poucas. Veja só a minha sala: nesta sala, eu dou primeiras e segundas, ao mesmo tempo. Estou a dar primeiras e segundas. A sala é pequena, o quadro é pequeno. Então, este quadro tenho que dividir: uma parte para a primeira classe e outra parte para a segunda e os 45 minutos aproveitar daí mesmo. Sim. As condições já não permitem mesmo, segundo a condição da escola.*

ENT. – E aqui vejo que este quadro realmente é muito pequeno, como é que tem feito?

P7 – *Assim mesmo! Costumo apertar, sim, escrevendo escola, data, disciplina assim como tema. Dali pronto divido no meio: ponho aqui primeira classe e aquele lado a segunda classe. Chego... logo começo com a primeira, estão ai a fazer pelo menos uma pequena revisão, estou a entrar na segunda. Quando volto para agora... para a assimilação ali para... para a primeira*

*classe, já deixo a primeira classe, dei exercício, estão a escrever, viro para a segunda classe. Quase aquilo para mim é um trabalho muito grande: o quadro é muito pequeno!*

ENT. – E neste caso, tendo em consideração que tem duas turmas: de primeira e segunda, será que as condições, as capacidades dos alunos de primeira e segunda têm influenciado no ensino da leitura?

P7 – *Ah, para mim, eles, segundo o número das crianças, eles aproveitam qualquer coisa. Mas se fosse de que... se fosse para um enchente, poderia dizer não. Mas até aqui, eles qualquer coisa aproveitam, segundo o número, como são poucos.*

ENT. – Tendo em consideração que tem alunos da primeira e segunda e esses são alunos do ensino especial, como é que tem... como é que tem avaliado a leitura dos alunos?

P7 – *Leitura dos alunos? Por exemplo, eu quando... o horário que está aqui da escola, não estou a seguir o mesmo horário. Logo estou a unir a primeira e a segunda ao mesmo tempo. Se dou português tenho de pegar português, se é para matemática, pego a matemática, se é para educação física tenho de juntar todos na educação física. Não posso deixar outros de fora.*

ENT. – E como é avalia a leitura, para ver se sabe ler ou não?

P7 – *Então, para avaliar a leitura, segundo as letras, porque esses da segunda já sabem ler e escrever. Então, pego esses da segunda, já estou a dar-lhes exercícios, mando outros para o quadro, escrevo e outros leem (um por um), depois pego em grupo e dali, pronto, eu repito e eles sentam e começam a fazer exercícios. Então, para esses da primeira, também é a mesma coisa. Pego o livro deles, segundo as imagens que ai estão, eles conseguem interpretar com gestos, com os sinais que eles fazem, depois assim mesmo como seguem os passos da leitura e escrita, no fim apresento de que esta letra é esta, finalizando. Sim!*

ENT. – Neste caso, os alunos, por exemplo, da segunda classe sabem ler e escrever?

P7 – *Sim. Sabem... sabem. Eu faço ditado. Faço ditado e eles sabem escrever.*

ENT. – Muito bem! Conversamos muito! E quais são as considerações finais que possa querer apresentar?

P7 – *Acrescentando outras considerações, eu queria dizer que nós temos estas crianças. Estamos aqui, estamos a fazer quase este é o nono ano com estas crianças com esses problemas. O problema que nós temos é: essas crianças, da primeira até quinta não têm problema porque a formação que tivemos vai até a quinta classe. Então, quando chegam na sexta e sétima, as crianças apresentam problemas, até oitava, nona. Já têm problemas! Fomos*

*apresentados aqui. Porque aquelas crianças sabem ler. Então, quando escrevo uma frase ali, elas leem, conseguem ler. Mesmo dar uma pergunta por escrito, elas respondem. Vai lá e escreve ai no quadro. Consegue escrever. Significa que aqui na primeira, aprenderam qualquer coisa, da primeira à quinta aprenderam qualquer coisa. Mas quando chegam lá, ali existem aqueles sinais da química e da física. E os professores dali não conhecem esses sinais, como sinalizar a física e a química. E nós também que estamos aqui já não tivemos aquela formação. A formação foi única que tivemos que era da primeira até quinta classe. Está a ver? Então, temos esses problemas. Para só aquelas crianças não ficarem assim, nos conseguimos fazer a nossa união. Unimo-nos com aqueles professores da 'A Luta Continua', escola de Muchenga e fazíamos nos sábados essas jornadas pedagógicas e conseguíamos abrir uma visão àqueles nossos colegas daquilo que nós estávamos fazendo, porque eles não podiam fazer nada. Então, nós... fenómenos naturais não sei o que qualquer coisa, esses nós aprendíamos. Então informamos os colegas, eles ficaram um pouco abertos. É quando aquilo nem... não vieram mais problemas aqui.*

ENT. . Hmmhu!

P7 – *Sim! Na formação, não tivemos nada! Temos que ter formação da sétima até décima classe.*

ENT. - Hmmhu!

P7 – *Sim!*

ENT. – Muito bem! Obrigado, Senhora Professora (...), por aceite esta entrevista.

P7 – *De nada.*

FIM

## **P8 (5ª classes)**

### **EPC – III**

(...)

ENT. – Senhora Professora (...), como falamos acerca dos objetivos desta entrevista, então vamos diretinho ao questionário. Para si, o que é ensinar a ler a um aluno.

P8 – *Para mim, ensinar a ler a um aluno, nós recebemos crianças que saem de casa, que não têm nenhuma noção. Mas quando nós chegamos lá na escola, devemos procurar maneiras de como ensinar a criança a ler. Pegamos um objeto qualquer e perguntamos: o que é isto? A criança fala, depois nós escrevemos no quadro. Então isso escreve-se assim e lê-se assim. É desta maneira que a criança aprende a ler.*

ENT. – E porque é que pensa que ensinar a ler é exatamente isso que acaba de dizer?

P8 – *Isso é importante porque a criança... não há nenhuma criança que não sabe alguma coisa, mas nós procuramos maneiras de como ensinar a escrever e a ler. Faço seguindo estes passos.*

ENT. – Como é que tem ensinado a ler? O que tem feito concretamente para pôr o aluno a ler?

P8 – *Depois de à criança ensinarmos que isto chama-se coisa tal, nós ensinamos as vogais. Depois das vogais vamos no alfabeto. Depois desse alfabeto, é quando criamos as sílabas. Começas a dividir as palavras. Levamos uma palavra e outra letra juntamos. Ensinamos: daqui para aqui lê-se tal coisa. Daí, a criança aprende a ler.*

ENT. – E essas atividades, eh..., que tem desenvolvido na sala de aulas, será que dependem do nível de escolaridade dos alunos?

P8 – *Yeah! Pode depender do nível de escolaridade dos alunos, nem. Porque a criança da primeira até segunda e terceira, não é a mesma coisa que nós vamos tratar com uma criança da quarta para lá em frente. Na criança da primeira classe, nós devemos levar aquilo com muita... com muito esforço. E quando chegamos na quinta e na sexta, a criança sabe ler. Mas na primeira devemos apertar, de modo que a criança até na segunda classe deva conseguir ler todas as vogais e todo o alfabeto.*

ENT. – Muito bem! Será que as condições da escola são determinantes para o desenvolvimento dessas atividades?

P8 – *São! Porque o que nós podemos fazer..., sim, o esforço inicia na primeira à terceira, quando chegamos na quinta reduzimos um pouco. Sim.*

ENT. – E as capacidades dos alunos contam no ensino dessas... no desenvolvimento dessas atividades de que acabou de falar?

P8 – *Ah... não são determinantes, nem. Porque... por exemplo aqui onde estamos, podemos vir a determinar, mas lá no distrito, é normal uma criança da primeira a quinta não marcar nenhuma diferença, porque a criança sai de casa e nem conhece nenhum toque de português. Talvez se for aqui na cidade podemos dizer que podemos determinar.*

ENT. – No ensino da leitura, toma em consideração as capacidades dos alunos?

P8 – *Sim, tomo em consideração. Tenho que seguir o ritmo das crianças.*

ENT. – Exato!

P8 – *Sim!*

ENT. – Será que na sala de aula tem existido uma diferença entre alunos que sabem ler muito bem e outros não?

P8 – *Sim, existe! Há outras crianças... porque nós para ensinarmos a ler, por exemplo, no nosso tempo, nas escolas temos poucos livros, passamos os textos no quadro. Então chamamos um por um. Ali é onde nós controlamos a criança que sabe ler, a criança que tenta e a criança mesmo que está... então tentamos maneira de levantar aquela criança que não consegue. Então, conseguimos levantar e segue os outros.*

ENT. – No dia a dia, como é que avalia os alunos?

P8 – *Então para eu conseguir ver que o aluno tal sabe ler e o outro não sabe, esse tempo que eu passo o texto no quadro...*

ENT. – Hmmhu

P8 - *... faço a leitura, mando alguém para ler. É aí onde eu avalio de que o fulano tal não sabe ler e o fulano tal sabe ler.*

ENT. – Em relação ao ensino da leitura, quais são as recomendações aqui?

P8 – *As recomendações que eu deixo para os outros professores, é de que... porque outros professores ficam limitados quando a escola não tem material, exemplo livro, então o professor fica parado. Se os livros não são suficientes para todas as crianças, o único método é esse: o professor tem que procurar maneira de ter um livro. Depois de ter aquele livro, então sempre os textos deve passar no quadro, para as crianças verem como é que se escreve cada tipo de letra. Esta letra aqui se dá para pôr no meio da frase ou não. Então é através desses textos. Então, essa recomendação deixo para todos os professores.*



ENT. – Muito bem! E o que quer acrescentar em relação à leitura?

P8 – *Aí, o que eu tinha para falar, nem, já falei, isto... isto que eu estou a reforçar, nem, devemos apertar as crianças a partir da primeira. Se nós estragamos a criança logo na primeira, vai noutras classes enquanto já está estragada. Então devemos apertar na primeira, a criança logo na primeira classe. Deve ir na segunda enquanto já conhece todas as vogais e enquanto já conhece todas as letras.*

ENT. – Muito bem e obrigado, senhora professora (...).

P8 – *Sim.*

FIM

## **P9 (6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> classes)**

### **EPC – I**

(...)

ENT. – ... Estamos na Escola Primária Completa (...), Eh, como pudemos falar acerca dos objetivos desta entrevista, (...) para si, o que é ensinar a ler a um aluno?

P9 – *Obrigada pela permissão que me foi dada! Para mim, ensinar a ler a um aluno entendo como dar a conhecer daquilo que nós estamos a falar dentro da língua portuguesa. Nisso quero me basear na disciplina de português.*

ENT. – Ok! E quais são os fundamentos dessa sua conceção, essa sua forma de ver... de entender a leitura?

P9 – *Por exemplo, quando nós falamos sobre base, porque tem duas formas de ensinar a leitura:...*

ENT. – Hmmhu!

P9 - *ensinamos a leitura através do alfabeto, quando forem umas classes elevadas, nem (por exemplo, terceira, quarta classe). Mas quando nós recuamos para trás, por exemplo, nas classes iniciais (primeira e segunda classes), nós podemos ensinar a ler uma criança através de imagem. Nós perguntamos às crianças: o que estão a ver? Logo a criança interpreta: ' 'nós estamos a ver isto ' '. Através daquela resposta das crianças, nós escrevemos no quadro e isso é frase. Daí lemos e a criança consegue interpretar que aqui estamos a falar da coisa X.*

ENT. – E para além destas... destas atividades, existem outras que a senhora tem desenvolvido para ensinar a ler?

P9 – *Sim.*

ENT. – Quais são?

P9 – *Eh... além desta atividade, podemos ensinar a uma através de...leituras simples, nem? Por exemplo, perguntar: como se chama isso? Hmmhu? - 'árvore' '. A criança conhece o nome mas não sabe escrever.*

ENT. – Exato!

P9 - *Nós podemos escrever e lemos juntos: o que é? - 'árvore' '. O que é? - 'árvore' '. Mas quando forem classes elevadas assim como malta quinta classe, sexta, sétima, nós lemos*

*através do livro. Aí não precisamos de imagem. O professor lê, o aluno segue atrás, depois o aluno lê sozinho e daí o aluno próprio deve interpretar o que fala naquele texto.*

ENT. – Essas atividades que tem desenvolvido na sala de aula, será que dependem do nível de escolaridade dos alunos, dependem do nível... portanto das capacidades do alunos ou então das condições da escola?

P9 - *Eh... eh, para mim, vou dizer que depende da escolaridade.*

ENT. – do nível de escolaridade?

P9 – *do nível de escolaridade...*

ENT. – Porque?

P9 – *Nós... eu não posso levar essa leitura de imagem para um aluno da sétima classe.*

ENT. – Exato!

P9 – *Não! Também não posso levar um texto para um aluno da primeira classe!*

ENT. – Ok!

P9 – *Isso já estou fora do conteúdo.*

ENT. – Exato!

P9 - *Isso vou baralhar as crianças da primeira. Então, devemos pôs cada coisa no seu devido lugar. Porque aqui no principio, nesse nível devemos ficar muito atentos.*

ENT. – Ok!

P9 – *Sim.*

ENT. – E não depende das capacidades dos alunos?

P9 – *Das capacidade? Também pode depender, nem?*

ENT. – Da capacidade, das condições da escola...?

P9 – *Da capacidade...! Isso de condições? Porque se eu disser de condições, haha! Nenhuma escola tem condições aqui no Lago! Todas as crianças aqui sentam no chão. Se eu disser de condições, ha! Isso vou ficar de fora mesmo!...*

ENT. – Exato!

P9 - *... mas da capacidade, sim...*

ENT. – Ok!

P9 - *... porque a assimilação da matéria é um pouco diferente dum aluno da primeira e um da sétima classe.*

ENT. – Exato!

P9 – *Sim!*

NT. – E como... como, por exemplo, como é que avalia a leitura do aluno na sala de aula?

P9 – *Muito positiva.*

ENT. – Eh, estou... estou falando, por exemplo, para saber que este aluno entendeu a matéria ou não entendeu...

P9 – *Ohohoh!*

ENT. - ... como é que... quais são as atividades, quais são as técnicas que usa para avaliar o aluno, a leitura do aluno?

P9 – *Ahahah! Eh, por exemplo, sexta classe, nem?*

ENT. – Exato!

P9 – *Eu li... eu li junto com os alunos...*

ENT. – Hmmhu!

P9 - ... *os alunos leram sozinhos, devo dar exercícios. Está a ver, nem?*

ENT. – Exatamente!

P9 – *Ler... leitura individualmente...*

ENT. – Ok!

P9 – ... *deve-se ler um por um. Mas antes de ler individualmente, eu devo tirar palavras difíceis que se chama de gramática, ...quando for aonde? ... nas classe elevadas como é o caso da sexta e sétima.*

ENT. – Hmmhu!

P9 - *Através daquela gramática, é para facilitar o aluno a leitura, porque tem palavra que ele não conhece o que é. Mas depois de eu pôr no quadro a gramática, ele logo sabe que, ohoh, isso que está a se a falar aqui é assunto...*

ENT. – vocabulário!

P9 - ... *vocabulário.*

ENT. – Ok!

P9 - ... *isso é assunto, sim.*

ENT. – Exato!

P9 - ... *então depois daquilo, eu vou saber que ahah!... os alunos não entenderam! Porque através da interpretação...*

ENT. – Sim!

P9 – *Eu pergunto: De que fala o texto? O que aconteceu neste texto? Quantos personagens tem o texto? Eh? E qual é o tempo em que decorre esse assunto? Qual é a ação? Assim, qual é o espaço? Se os alunos chegam a responder à estas perguntas, eu devo saber que hmu: entenderam. E eu devo ler de novo o texto. E daí, dando um por um a leitura, eu posso saber que yeah: pelo menos aqui estamos juntos!*

ENT. – Ok!

P9 - *... mas se for na primeira classe, é muito fácil porque você... os alunos interpretam a gravura ou a imagem e você escreve a frase no quadro, lê e eles também leem, prontos você diz para eles lerem sozinhos. Você só aponta e eles leem: - ' 'a menina vai para escola. ' ' - Vamos: - ' 'a menina vai para escola. ' ' Tudo bem! E você diz: vamos ler. Você só aponta a palavra. Eles costumam ler a frase até no fim. Depois você diz: um menino para ler! Você deve continuar a apontar. Faz de contas que você não pode correr porque são crianças...*

ENT. – Exato!

P9 – *Aponta e o menino lê até...*

ENT. – No fim!

P9 - *... no fim. Depois vão copiar aonde?... no caderno. E pode auxiliar a ler em casa. É assim!*

ENT. – Muito bem! E..., eh, para terminarmos a nossa conversa, eh, tem alguma coisa, tem algo a acrescentar?

P9 – *Algo não falta...*

ENT. – Exato!

P9 - *... porque esta é entrevista...*

ENT. - Pois!

P9 – *Hmmhu! Eh... nós, como tratando-se de Moçambique, nós, professores, devemos ficar muito interessados em ensinar os nossos filhos a lerem e a escreverem porque a base é essa! Não devemos despachar dizendo: ahah, eu entrei na educação porque há falta de emprego, não! Nós devemos gostar de fazer aquilo que nós somos!*

ENT. – Exato!

P9 – *É isso. Então apelo aqueles que são outros professores que só deixam só porque estão na educação porque não havia emprego. Vão estragar as crianças!*

ENT. – Exato!

P9 – *Então, devemos gostar do nosso serviço e assim elevemos o nosso Moçambique.*

ENT. - Muito obrigado!

P9 – *Hmmhu! Formando futuros engenheiros, presidentes...*

ENT. - Exato!

P9 - *... professores, porque amanhã eu hei de morrer. Quem estará no meu lugar? É aquele que eu estou a despachar. Assim estou a fazer o bem?*

ENT. – Não!

P9 – *Não! Porque terei netos que também vão querer estudar. Então assim, devemos ser ativos: ensinar os nossos filhos.*

ENT. – Muito bem!

P9 – *Hmmhu.*

ENT. – Muito obrigado, senhora professora (...), por estes minutos que nos concedeu para esta entrevista.

P9 – *Obrigado também!*

FIM

## P10 (2ª classes)

### EP1 – III

(...)

ENT. – Senhora Professora (...), como já falamos dos objetivos da entrevista, eh... quanto a si, o que é ensinara ler?

P10 – *Ensinar a ler, para mim, é para adquirir conhecimentos do aluno?*

ENT. - E porque é que pensa que é assim?

P10 – *Porque o aluno sem saber ler, nunca vai... vai aprender nada e nunca vai saber que aqui se lê coisa X, aqui se lê coisa X. Então, é preciso o que?... o aluno saber ler.*

ENT. – Exatamente! E para... para pôr o aluno a saber ler, quais são as atividades que tem desenvolvido na sala de aula ou fora dela?

P10 - *Para o aluno saber ler, as atividades adquiridas é: por exemplo, eu quando... quando introduzo uma letra, nem?*

ENT. – Hmmhu!

P10 – *a leitura e escrita de uma letra, a letra [L/l], então, primeiro, tenho que levar, o que?... material didático. Estou a mostrar ao aluno antes de entrar nesse tema. Por exemplo, o que é eu levo aqui nesta pasta? Então, o aluno vai conseguir dizer uma coisa que entra na letra [R/r]...*

ENT. – Hmmhu!

P10 – *Por exemplo o que?... rato. Vou desenhar um rato. Então, o aluno vai dizer: - 'rato' - É o que? - 'É um rato'.*

ENT. – Hmmhu

P10 – *Então, ali eu vou maticar no quadro. Depois de escrever ai no quadro, então, vamos ler até no fim e... prontos, o aluno vai saber qualquer coisa.*

ENT. – Muito bem! E ainda tem feito algumas... outras atividades para que o aluno possa também aperfeiçoar a leitura?

P10 – *Sim. Por exemplo, o aluno da primeira e da segunda, começa na primeira as vogais a aprender. Então na segunda costumo perguntar: quais são as vogais que vocês aprenderam? Então os alunos... há outros inteligentes que dizem: a, e, i, o, u. Então, escrevo no quadro. Depois de escrever no quadro, então com aquela letra em estudo, ponho ali a letra em R/r.*

*Então a letra [R/r] juntando com [A/a] fica o quê? – [RA/ra]. Então, eu escrevo ali [RA/ra]. E [E/e] fica o quê? [RE/re]. É ali, então, onde o aluno consegue qualquer coisa.*

ENT. – E eles têm formulado, portanto, algumas frases?

P10 – *Sim, porque através da sílaba... consoante silábica [quadro silábico], vamos ver o que é aqui? [RA/ra]. Então, vou escrever [RA/ra]. Juntar mais com outra sílaba vai ficar uma palavra. Por exemplo: [RATO/rato]. Hmmm!*

ENT. – Muito bem! E no ensino dessas... dessas atividades... no desenvolvimento dessas atividades, eh..., será que tem levado em consideração o nível de escolaridade dos alunos?

P10 – *Sim.*

ENT. – Para si, eh..., dar aulas na segunda classe é o mesmo que dar aulas na quarta ou quinta?

P10 – *Não.*

ENT. – Porque?

P10 – *Porque...*

ENT. – Estava a dizer que o nível de escolaridade influencia ou não? Toma-se em consideração ou não?

P10 – *Não.*

ENT. – Porquê?

P10 – *Porque os alunos da primeira e segunda não sabem nada. Então os da quarta... terceira a quinta sabem qualquer coisa porque já conhecem o que é ler, tudo já fazem. Dividir sílabas...*

ENT. – Então, os métodos a usar neste caso são os mesmos ou diferentes?

P10 – *Como?*

ENT. – Os métodos de ensino...

P10 – *São diferentes.*

ENT. – São diferentes. Porquê?

P10 - ... (Silêncio)

ENT. – E no desenvolvimento dessas atividades, as condições da escola determinam no ensino da leitura ou não?

P10 – *Não determinam.*

ENT. – Porquê é que não determinam no ensino da leitura?



P10 – *Porque na minha sala tenho 89 alunos. Agora dos 89 alunos, custa-me decidir se este aluno sabe ler ou este não sabe ler. Sim.*

ENT. – E as capacidades dos alunos... neste caso, tem 89 alunos, tem notado que alguns têm a capacidade para poder ler e outros não?

P10 – *Sim, sim.*

ENT. – Como é que tem feito e o que tem feito para poder distinguir?

P10 – *Através das avaliações, exercícios ou é normal eu escrever ai texto... Então, ali faz-se o quê?... leitura. É ali onde eu costumo distinguir que este aluno sabe qualquer coisa e este aluno não sabe nada.*

ENT. – Muito bem! Para terminarmos a nossa conversa, tem alguma coisa por acrescentar em relação ao ensino da leitura?

P10 – *Sim. Porque... coiso... o ensino da leitura e escrita custa muito porque não temos material didático para introduzir nos alunos. Então, é preciso nós pessoalmente procurar maneiras de como aluno pode conseguir qualquer coisa.*

ENT. – Mas vocês produzem material didático?

P10 – *Sim.*

ENT. – Muito bem! Quais são as recomendações que possa querer dar em relação ao ensino da leitura?

P10 – *As recomendações que posso dar, primeiro estou a pedir à direção nos dar livros, porque estamos a sofrer muito... Às vezes, os alunos usam uniforme e sentam no chão. Então à volta...custa... todos os dias lavar em casa e não fica bem. É normal os alunos virem até aqui sem uniforme porque dizem que o meu uniforme está sujo e é normal dizerem: - ' ' não temos sabão... ' ' Sim.*

ENT. – Muito obrigado, senhora professora!

P10 – *Sim.*

FIM

**P11 (5ª classe)**

**EPC – II**

(...)

ENT. – .... Senhor professor (...), já falamos aqui dos objetivos desta entrevista, e vamos diretinho ao questionário. Para si, o que é ensinar a ler?

P11 – *Simplesmente, para mim, ensinar a ler à criança é inculcar na ideia de modo a interpretar a ciência, seja no campo, seja na escola, seja em qualquer que ela fica. Então, nós inculcamos na leitura porque sem leitura, a criança ou mesmo o adulto não consegue interpretar qualquer tipo de fenómeno ou qualquer tipo de escrita que se encontra nas ruas, nas avenidas, nas estradas nacionais onde fica o perigo ou não perigo. Então é através da leitura é que pode conseguir interpretar. Sim.*

ENT. – Muito bem! Porque é que acha que é assim? Qual é a base da sua fundamentação?

P11 – *Bem! A base principal, nós encontrar eh... qualquer homem deve adaptar-se num meio que pode comunicar-se com ele, que pode enquadrar-se na sociedade. Nisto encontramos que... podemos inculcar muito nos adultos mesmo nas crianças a fazer ver que ler é uma coisa mais principal na vida de qualquer homem.*

ENT. – Muito bem! E para ensinar a ler, quais são as atividades que tem levado em conta na sala de aula ou fora dela ou no dia a dia?

P11 – *Simplesmente, para a... o... o assunto de ensinar a ler e a escrever, aliás, muito mais ensinar a ler, a atividade principal que eu dedico, primeiro encontramos, numa frase, a divisão silábica que é mais essencial para um aluno. A partir da divisão silábica, nós podemos formar muitos textos, podemos inculcar no aluno a formar muitas partes de textos que encontramos em vários livros. E podemos também a outra atividade que é o quadro silábico. Através do quadro silábico podemos orientar o aluno que forme outras palavras. A partir dele pode formar um simples texto.*

ENT. – Para ensinar estas atividades, para levar em conta estas atividades, eh..., depende do nível de escolaridade dos alunos?

P11 – *Bem, podemos encontrar realidade do nível de escolaridade dos alunos, sim. Porque podemos encontrar o caso da quinta classe. É o caso que nós insistimos muito porque preparamos muito porque vai para a segunda fase que é o caso do segundo, aliás, eh... segundo*

*ciclo... que são as sexta e sétimas. Então sem isso, nós insistimos muito. Podemos também obrigar o aluno a fazer ditados...*

ENT. – Exato!

P11 - ... *Através do ditado, nós insistimos o aluno a ler aquilo que ele escreveu.*

ENT. – Pois!

P11 – *Sim, sim.*

ENT. – E as condições da escola são determinantes no ensino, no desenvolvimento dessas atividades na sala de aulas?

P11 – *Bem. Praticamente, podemos dizer que determina porque na ausência de material didático também... se numa escola não existe qualquer tipo de instrumento de trabalho... de apoio à pedagogia, simplesmente o aluno não vai aproveitar nada. Podemos encontrar o caso de... o caso de livros, textos, aqueles contos, que os alunos devem aproveitar aqueles que na biblioteca existem. O caso real agora, nas nossas escolas, encontramos que as nossas bibliotecas estão recheadas... tem pequenos textos, tem livros que eles podem aproveitar fazer, aliás, aperfeiçoar a leitura...*

ENT. – E vocês, eh... no dia têm levado a cabo algumas atividades para que os alunos vão para lá ler? Têm dado alguns exercícios?

P11 – *Muito bem. Nós temos planificado, a escola já planificou alguns dias, como a escola tem muitas turmas, tem alguns dias que já estão planificados que cada turma deve ir à biblioteca, fazer consulta, ver os textos que eles gostam, os livros que eles gostam, então tentar aperfeiçoar com a leitura.*

ENT. – Eh... no caso da sua turma, que dia de semana tem ido à biblioteca?

P11 – *Eh, para o caso da minha turma é nas quintas feiras.*

ENT. – No período letivo ou à tarde, como uma atividade extra?

P11 - *É uma atividade extra, sim. É uma atividade extra, no período da tarde.*

ENT. – E no ensino dessas atividades tem tomado em consideração a capacidade dos alunos ou não?

P11 – *Bem, encontramos aqueles que têm mais habilidades. Através desses que têm mais habilidades, então insistimos os outros aproveitem nos grupos deles, que façam uma leitura coletiva, que façam o esforço de modo que encontrem os outros que estão mais elevados. Sim, sim.*

ENT. – E para saber que estes alunos têm um bocadinho mais de habilidades de leitura e os outros não, como é que avalia? O que é que faz para poder notar isso?

P11 – *Bem, na avaliação da leitura, por exemplo, para pegar alguns alunos que não conseguem fazer uma leitura, temos feito uma maneira de fazer leituras individuais. É nessa altura que detetamos que este aluno até agora não tem maneira de elevar-se. Então esforçamo-nos nesses alunos que não conseguem pelo menos formar uma frase, aliás ler uma frase, ler pelo menos um período... Então, insistimos por muito.*

ENT. – Portanto, na sua turma eh... na sua turma, quantos alunos são?

P11 – *São 55*

ENT. – Dos 55, quantos é que até agora sabem ler?

P11 – *Pelo menos 35%*

ENT. – 35% sabem ler?

P11 – *Sim, sim.*

ENT. – Está bem. E para terminarmos com a nossa conversa, quais são as recomendações que gostaria de dar aos professores e aos demais fazedores da educação?

P11 – *Eh, finalizando com o nosso diálogo, estava recomendando os outros colegas da educação, não só para os professores, mesmo os que estão em frente como pedagogos, que criem maneiras de apoiar as escolas de modo que tenham mais material didático como livros, eh?... para facilitar aos alunos na leitura.*

ENT. – E o que é que gostaria de acrescentar como algo relacionado com a leitura, no dia a dia, para si?

P11 – *Bem, a leitura... acrescentando, a leitura é a mãe da vida, porque todo o homem, sem fazer a leitura fica muito limitado. Por isso estava a pedir, quer no lado dos professores quer no lado dos alunos, que tenhamos amizade com os nossos livros. Essa amizade devemos criar fazendo a leitura todos os dias. É a medida que nós vamos ter pelo menos a base de qualquer tipo de interpretação científica.*

ENT. – Obrigado, senhor professor!

P11 – *De nada.*

FIM

## **P12 (5ª Classe)**

### **EPC – III**

(...)

ENT. – Senhora professora (...), como tivemos a oportunidade de falar sobre os objetivos desta entrevista, então vamos directinho ao questionário. Para si, o que é ensinar a ler?

P12 – *Ensinar a ler é arranjar maneira de como... a criança como não sabe ler, eu tenho que arranjar maneira de ensinar a criança a ler, ensinar a criança a escrever e tudo mais.*

ENT. – E porque é que pensa que ensinar a ler é este procedimento?

P12 – *porque a criança sabe escrever, mas a criança não sabe o que está a escrever. E eu tenho que arranjar maneira de ensinar a criança a escrever e ler aquilo que a criança escreveu. Não pode escrever o que a criança não sabe. Primeiro deve saber o que é que a criança escreveu. Então, eu como professora, devo exigir dizer se escreveu a vogal [A/a]. Exigir à criança a ler dizendo que esta é a vogal [A/a] e a criança vai ter noção.*

ENT. – E quais são as atividades que tem levado em conta para ensinar a ler as crianças?

P12 – *As atividades que eu levo, por exemplo devo ensinar as vogais, a divisão silábica, hmm..., as frases. Primeiro deve conhecer o alfabeto. Ensinar o alfabeto, as vogais. Esses são os primeiros caminhos que a criança para saber ler bem. Deve conhecer as vogais.*

ENT. – E essas atividades no ensino e sobre o ensino da leitura, dependem do nível de escolaridade?

P12 – *Dependem do nível de escolaridade, sim. Porque há crianças que, por exemplo, na primeira classe, a criança não sabe nada. O meu ensino deve ser de maior esforço para a criança saber alguma coisa. Mas quando chega na terceira, na quinta, a criança já tem uma noção. A minha maneira de exigir é um pouco menor em relação à primeira classe.*

ENT. – E as condições da escola são determinantes para o ensino dessas atividades?

P12 – *As condições da escola são determinantes, mas não lá tanto. Se as condições da escola não favorecem para ensinar a ler à criança, eu como professora não posso ficar limitada. Tenho que arranjar material didático para ensinar a criança a ler. Sim, temos problemas de livros nas escolas, mas não posso ficar limitada por causa das condições da escola.*

ENT. – E tem levado em consideração as capacidades dos alunos ou não, para o desenvolvimento dessas atividades?

P12 – *Tenho levado, sim. Porque a criança que vivem um pouco fora da cidade é diferente daquela que vive na cidade. E eu devo conhecer que esta criança é da cidade. A maneira de tratar deve ser diferente da criança do bairro, que vive lá fora. Eu tenho de acarinhar muito, faz de contas todas as crianças vivem na cidade.*

ENT. – E como é que tem feito a avaliação da leitura na sala de aulas?

P12 – *A avaliação da leitura, às vezes, eu escrevo no quadro e mando levantar o aluno para ler. Ou pego num livro e dou ao aluno para fazer a leitura, e eu avalio a partir daí. Há alunos que gaguejam, mas durante o ano, eu consigo avaliar que este aluno, desde o primeiro ano, era assim, mas agora já estou a aproveitar alguma coisa. Sim.*

ENT. – Muito bem! Então, eh... para terminar a nossa entrevista, há alguma coisa que possa acrescentar sobre o ensino da leitura, no dia a dia, consoante a sua experiência?

P12 - *Consoante a minha experiência, é de... os professores... há professores que ficam limitados, nem? ... como a escola não tem condições, não tem material. O professor deve ser capaz de produzir o seu material didático. Não pode ficar parado. Há aulas que a escola não tem condições de fornecer material didático, mas eu como professora devo arranjar material. Material... qualquer material que durante a aula eu devo atingir aquele objetivo que eu já quero dar.*

ENT. – Então quais seriam as recomendações que poderia deixar em relação o ensino da leitura para os outros professores, o que devem fazer?

P12 – *As recomendações são as seguintes: para aqueles professores que às vezes têm dificuldades não podem ficar limitado. Aproximar os outros. Perguntar as ideias, nem? Não podem só parar, porque se alguém para e não pergunta, nunca vai além. Mas perguntando, aproveitar a experiência dos outros é mais válido.*

ENT. – E a-propósito, vocês têm feito planificação assim... em conjunto, ao nível da classe?

P12 – *Sim, planificamos. Temos planificação conjunta ao nível da escola. Se é a quinta classe, nós sentamos e planificamos. Quando temos dificuldades também não paramos. Saímos embora haja outros professores da sexta e sétima, nós aproximamos quando temos dificuldades. Eles são capazes de nos ajudar que quando é assim, devem fazer assim. Nós aproveitamos neles, embora seja entre professores da quinta.*

ENT. – Mas ajudam-se assim sem problemas.

P12 – *Sim, temo-nos ajudado uns aos outros.*

ENT. – Muito obrigado, senhora professora (...).

P12 – *De nada.*

FIM

**P13**  
**(7ª Classe)**  
**EPC - II**

(...)

ENT. – Eh... Sr. Professor (...), já falamos aqui sobre os objetivos desta entrevista, e neste momento, se calhar, poderíamos ir diretamente para o questionário. Para si, o que é ensinar a ler a um aluno?

P13 – *Bem, para mim, eu acho que ensinar a ler a um aluno é um processo que consiste em dar... eu inculcar algumas ideias a fim de ter uma solução adequada numa leitura.*

ENT. – Muito bem! Porque é que pensa que ensinar a ler é exatamente isso que está... que acaba de dizer?

P13 – *Bom, eu penso isso porque conheço que a realidade de um aluno, sei de que ele vem de casa sem alguma ideia, a fim de saber de que... se bem que ele tem noções... algumas... eu sei de que lá em casa ele tem algumas noções, a fim de que eu vou a escola... Lá na escola precisam de um bom mando, eu tenho de respeitá-lo e lá hei de encontrar dificuldades e eu como professor devo recebê-lo e também saber como encaminhar a esse tipo de aluno.*

ENT. – E nesse encaminhamento, quais são as atividades que tem desenvolvido na sala de aula ou fora dela com os seus alunos para que eles consigam ler ou então, já que estamos a falar da 7ª classe, prossigam com a leitura?

P13 – *Bem, são várias atividades que posso levar para que eles saibam o que é leitura. Por exemplo, nós temos que dar noções de que a primeira coisa que nós podemos dar é o quadro silábico, que são as próprias sílabas, que nós podemos começar de [A/a] até lá no [V/v]. Depois de eles saberem, nós podemos fazer um quadro silábico que é dividido também, por sua vez, por tantas vezes, que nós podemos repetir, ah... e eles por sua vez repetem e o professor também repete juntamente com os alunos. Assim para termos uma solução adequada com os alunos.*

ENT. – E nessas sílabas do quadro silábico, por exemplo, para o senhor que leciona a 7ª classe...

P13 – *A 7ª classe...*

ENT. – Será que é da mesma forma que devia lecionar na 1ª, 4ª, 5ª ou... assim é da mesma maneira que podia lecionar as sílabas na 7ª classe?



P13 – *Não, não, não. Porque... podemos dizer o seguinte: porque na 5ª classe ou 1ª temos a maneira de como também planificar consoante o nível dos alunos. Eu nunca posso planificar uma aula da 7ª classe, sabendo que esta aula é da 1ª classe, levar o mesmo tema para a 7ª classe. Mas tenho que planificar consoante o nível dos alunos que eu encontro na realidade deles.*

ENT. – E no caso desta escola, as condições materiais, condições humanas e as condições, em suma, da escola favorecem para a leitura ou dificultam?

P13 – *Bem, as condições da escola, normalmente tem tido dificuldades, temos dificuldades mesmo nas condições da escola...*

ENT. – Pois!

P13 – *Mas não levam avante de que eles não podem saber por causa das condições da escola.*

ENT. – E a escola tem biblioteca?

P13 – *Tem biblioteca, sim.*

ENT. – E como é que tem orientado os seus alunos para que eles vão à biblioteca regularmente?

P13 – *Bem, nós temos o nosso calendário, que por semana os alunos vão... em uma semana duas vezes e têm suas horas. E cada turma também tem o seu tempo. Assim, não vão todos.*

ENT. – Em que dias de semana os seus alunos vão?

P13 – *Para mim, vão às segundas e quartas feiras.*

ENT. – E nessa senda da leitura, tem tomado em conta as capacidades desses alunos?

P13 – *Bem, tenho tomado. Tenho tomado as capacidades dos alunos porque nós temos que saber qual é o nível de assimilação nas aulas, e saber quem é que não está em frente de tudo que nós estamos a falar perante as aulas e esses que não vão avante temos que levá-los a uma repetição de uma aula.*

ENT. – Quantos alunos existem na sua turma?

P13 – *Tenho 97.*

ENT. – Desses 97, quantos é que sabem ler?

P13 – *Dos 97, pelo menos tenho um número de cerca de 48.*

ENT. – Que sabem ler?

P13 – *Que sabem ler e escrever.*

ENT. – E para saber que são 48, cerca de 48 alunos que sabem ler é porque fez uma avaliação, não é?

P13 – *Avaliação...*

ENT. – Como é que tem feito essa avaliação?

P13 – *Avaliação, eu não tenho escolhido de que eu tenho que elaborar consoante estes que sabem ler, não. Eu elaborado sabendo que todos são da 7ª classe.*

ENT. – Muito bem! Mas para saber que este aluno sabe ler e aquele não, quais são as atividades que tem desenvolvido na sala de aulas?

P13 – *Bom, tenho tido exercícios. Passo os exercícios no quadro e eles, por sua vez... consigo captar a partir dos exercícios de que este não sabe este sabe alguma coisa. E a partir dos exercícios também tenho feito algumas outras atividades para aqueles que não sabem, nem?*

ENT. – Sim.

P13 – *... Faço um trabalho para fazerem em casa e corrijo no dia seguinte. Se vem o aluno e não consegue e eu faço também repetição daqueles mesmos para fazer no dia seguinte. E eu no dia seguinte também lhes inculco de novo para o quadro para corrigirem. Agora, se bem que não conseguem também repito mais para eles.*

ENT. – Então, quais são as recomendações que quer deixar aqui passar para esta nossa entrevista?

P13 – *Bem, senão só eu agradecer. É pela primeira vez que faço entrevista na minha vida. Eh..., senão dizer muito obrigado. E eu desejo para que venha de novo fazer-nos coisa... entrevista. E também assim é muito bom! E a partir daqui é que podemos ter noções de que um dia temos que estar muito bem preparados.*

ENT. – Muito obrigado e bom trabalho, Senhor Professor (...)

P13 – *Obrigado!*

FIM

**P14**  
**(2ª classe)**  
**EP - I**

(...)

ENT. – Srª Professora (...), como já falamos dos objetivos desta entrevista, eh... vamos diretinho às perguntas. E quanto a si, o que é ensinar a ler?

P14 – *Ensinar a ler, para mim, é tirar o aluno do analfabetismo para o saber ler e escrever.*

ENT. – E porque é que pensa que é assim?

P14 – *Porque é para ele saber ler e escrever.*

ENT. – Muito bem! Quais são as atividades que tem desenvolvido na sala de aulas ou fora dela, para que ensine a ler?

P14 – *Eu para levar o aluno a saber ler e escrever, primeiro faço a divisão silábica até encontrar a letra em estudo. É aí onde os alunos conseguem formar uma nova palavra através daquela divisão silábica.*

ENT. – E tem feito outras atividades?

P14 – *Eu faço exercícios oralmente, através do tema em estudo. Um aluno de cada vez. Sim.*

ENT. – No ensino dessas atividades, tem considerado o nível de escolaridade dos alunos?

P14 – *Sim... Não, não, não.*

ENT. – Não porque?

P14 – *Porque é assim: nós temos muito esforço também de primeira à segunda classe. Porque nós quando chegamos na segunda classe, o aluno já sabe ler e já sabe distinguir e já sabe ler uma palavra. E enquanto que sétima... sexta classe, o aluno já viu o que está a se tratar. Já viu nas classes anteriores.*

ENT. – E as condições da escola são determinantes para esse ensino da leitura?

P14 – *Sim.*

ENT. – Como?

P14 – *Dificulta. Porque não é fácil numa sala de cento e tal alunos, outros no chão, outros na carteira. Dificulta muito como ensinar os aluno a saber ler e a escrever.*

ENT. – E será que tem tomado em consideração as capacidades dos alunos nesse ensino da leitura?

P14 – *Sim, porque a capacidade dos alunos... tem iniciativa dos próprios alunos, porque todos os alunos que vão para escola nem todos os alunos não sabem. Alguns alunos sabem. Sim.*

ENT. – E considera que eles vêm para escola com alguma noção de... de leitura?

P14 – *Sim. Eles lá... através daquelas imagens que nós temos no livro, eles conseguem distinguir aquelas imagens. E fazendo leitura, eles conseguem ler.*

ENT. – Portanto, é leitura de imagens?

P14 – *A leitura das imagens mesmo da escrita*

ENT. – Mas será que existem alunos que entram aqui na escola sabendo ler letras?

P14 – *Sim, sim.*

ENT. – E como é que tem feito a avaliação da leitura dos alunos na sala ou fora da sala de aulas? Como é que avalia a leitura dos alunos?

P14 – *Eu avalio através... naquele tempo que eu dou aulas, depois das minhas aulas, no tempo de exercícios, é aí onde eu aproveito avaliar, não só sempre nas avaliações escritas, oralmente, nos cadernos e muito mais.*

ENT. – Está bem! E tem alguma questão que queira acrescentar em relação a nossa conversa sobre a leitura?

P14 – *A leitura... o que está a me dificultar aqui também outra coisa é problema de não ter material didático. Porque nem sempre nós vamos para lá na sala de aula fazer a divisão silábica sem material didático. A dificuldade que temos aqui é essa. Sim.*

ENT. – Ao nível da escola, será que produzem material didático para poderem ensinar aos alunos, quinzenalmente ou no final do mês ou no final de semana?

P14 – *Quer dizer, nós professores, quando queremos dar aquela aula, nós fizemos o sacrifício de trazer o próprio material didático para melhor aprendizagem.*

ENT. – E que tipo de material têm trazido?

P14 – *Exemplo tampa, quando é introdução de nova letra. Ex.: tampa, meia, em termos da divisão silábica, para fazer ao aluno entender e distinguir aquela nova sílaba e escrever uma nova palavra.*

ENT. – Muito bem! Quais são as recomendações que possa dar?

P14 – *As recomendações que nós vamos dar é para, pelo menos, nem... a educação, um dia, sonhar em mandar os materiais didáticos para as escolas, porque sem material didático, nós vamos fazer a mínima parte.*

ENT. – Muito obrigado, Senhora Professora (...)!

P14 – *De nada!*

FIM

**P15**  
**(1ª classe)**

**EP1 - IV**

(...)

ENT. – (...), quanto a si, o que é ensinar a ler?

P15 – *Ensinar a ler, para mim, como professora, nem?...*

ENT. – Pois!

P15 – *... como... é um ato, nem?... que nós podemos fazer na sala de aula para vermos em que nível nós vamos conseguir eh... o nível da criança... do conhecimento. E como a primeira classe, primeiro é a oralidade, mas depois dali essa oralidade também é leitura. Sim, é leitura.*

ENT. – Pois é! E qual é a base dessa sua maneira de pensar?

P15 – *Bem, eh... na língua portuguesa ou mesmo no ensino, primeiro é a leitura antes da escrita. Sendo assim, eu estou a ver a coisa mais principal, a coisa mais básica é a leitura. Primeiro a criança consegue ler depois daí é na escrita.*

ENT. – Exato! E para ensinar a ler, o que é que tem feito? Quais são as atividades que tem desenvolvido na sala de aula?

P15 – *Ah... para ensinar a ler uma criança, existem muitas atividades que devemos desenvolver numa sala de leitura, nem?...*

ENT. – Pois!

P15 – *Eh... podemos escrever algumas vogais ou podemos escrever algumas sílabas e podemos pedir algumas crianças para ler, mas isso depois de o professor ter lido no quadro essas sílabas escritas assim como essas sílabas. E a criança também repete. É assim.*

ENT. – E essas atividades... ao ensinar, portanto, essas atividades, acha que dependem do nível de escolaridade dos alunos?

P15 – *Sim, depende do nível de escolaridade. Por exemplo, nós que estamos no ensino básico, nós somos os primeiros a ensinar a leitura e a escrita e quando vai para o outro nível de escolaridade, a criança enquanto já sabe ler e escrever.*

ENT. – E será que no ensino da leitura, as condições da escola são também importantes para esse exercício?

P15 – *A condições são mais básicas, nem... porque a criança deve ter o caderno de exercício, também deve utilizar muito mais o quadro e alguns cadernos também da biblioteca escolar.*

ENT. – E no ensino dessa leitura, eh... as capacidades dos alunos também contam ou não?

P15 – *Contam, sim. Na medida em que a criança aprende, o professor avalia, nem?... qual é a capacidade de percepção da criança, se adquire bem a matéria ou não.*

ENT. – E como é que tem feito, por exemplo, a avaliação da leitura?

P15 – *A avaliação da leitura tenho feito, primeiro em coro e depois daí individualmente. Mas a mais principal é essa individual, levando um aluno e mandar ler o que está escrito no quadro assim como no livro.*

ENT. – Muito bem! Para terminarmos com a nossa entrevista, tem alguma sugestão ou alguma questão que possa colocar para poder complementar?

P15 – *O muito só agradecer, nem?... pela entrevista... E dizer que nós como ensino básico, gostaríamos de pôr mais materiais, de modo que as nossas crianças tenham um nível de escolaridade.*

ENT. – Muito obrigado, Sr<sup>a</sup> Professora (...)!

FIM

**P16**  
**(5ª Classe)**  
**EPC - III**

(...)

ENT. – (...) para si, o que é ensinar a ler?

P16 – *Ensinar a ler, para mim, entendo como aprofundar o conhecimento do aluno.*

ENT. – Qual é a base dessa sua forma de definir o ensino da leitura?

P16 – *Bem, para mim, digo isso porque todo o aluno que vai à escola, vai com conhecimento.*

*Sim, sim.*

ENT. – E daí? O que é que o professor deve fazer?

P16 – *Bem, a partir do conhecimento que o aluno tem em casa, o professor tem que partir daquele ponto, porque primeiro ao aluno questionamos e o aluno tem aquele espírito de responder e a partir daquele ponto, o professor consegue prosseguir com a sua aula, nem?*

ENT. – Exato! E no seu dia a dia laboral, quais são as atividades que tem desenvolvido ao nível do ensino da leitura na sala de aula ou fora dela.

P16 – *Bem, para na área do ensino da leitura, primeiro procuro saber se conhecem vogais dentro da sala de aulas. Em seguida, depois de conversar com os meus alunos, procuro saber se alguns conhecem o abecedário. E daí, peço voluntário para mencionar as letras do abecedário. Depois de mencionar, consigo mencionar como é que chama cada letra.*

ENT. – Pois! E depois de eles saberem mencionar as letras, o que é que tem...?

P16 – *Sim, depois de os alunos terem a iniciativa de mencionar as letras, eu lhes informo que temos esta letra [A] é a letra maiúscula, e temos a letra [a] minúscula. Esta [A] serve para escrever nomes de países e nomes de pessoas e esta letra [a] minúscula serve para escrever nomes de residências e etc.*

ENT. – E estas atividades, no dia a dia dependem do nível de escolaridade dos alunos, das condições da escola ou das capacidades deles?

P16 – *Claro, pode influenciar também o nível de escolaridade, dependendo do nível em que o aluno se encontra. Sim.*

ENT. – E as condições da escola são determinantes ou não?

P16 – *Bem, não são determinantes, dizendo assim. Na escola, claro que bem sabe que ao nível do país, nem?...*



ENT. – Pois!

P16 - *há carência de material escolar...*

ENT. – Exatamente!

P16 - *... e nessa área em que o professor deve fazer grande esforço para conseguir o seu objetivo. Porque, vamos supor, exemplo concreto, na minha turma tenho dois alunos que têm livros e junto com o professor somos três...*

ENT. – Dois?

P16 – *Dois alunos! E para fazer saber ler e entender, requer que eu faça por escrito lá no quadro preto. Dai, ler e os alunos segurem aquilo que eu estou lendo...*

ENT. – E, senhor professor, a sua turma é composta por quantos alunos?

P16 – *A minha turma é composta por 98 alunos.*

ENT. – Dos 98, só 2 é que têm livros?

P16 – *Claro, são dois só!*

ENT. – Quando ensina os alunos a ler, tem tomado em consideração as capacidades desses alunos?

P16 – *Bem, ali tenho tomado, sim. Digo isso porque existem aqueles alunos com problemas na escrita, mas na fala são bons. E acontece o contrário: outros sabem ler, mas na escrita são fracos. A partir desse ponto, supomos que paramos numa ventura, há um texto no quadro e mando alguém para ir poder ler, ele está aí a ler e a gente descobre que este tem problema disso. E o outro vai ali, até fica e para só. A gente descobre que este aluno, a situação dele é muito grave, requer maior esforço. E esse tem que encaminhar mais leitura, esse deve ser exigido ler lá em casa, como TPC, para às próximas... para ganhar o ritmo dos outros...*

ENT. – Na sua turma, por exemplo, quantos alunos sabem ler?

P16 – *Bem, na minha turma, para não mentir, nem?... na realidade, são 13 alunos.*

ENT. – Treze?

P16 – *Treze!*

ENT. – Treze alunos é que sabem ler?

P16 – *Sabem ler!*

ENT. – Os outros não sabem?

P16 - *Os restantes tentam gaguejar. Mas aqueles que sabem ler totalmente são treze. Mas esses... o restante, estão a tentar abrir os olhos mais tarde, no 3º trimestre.*

ENT. – E para saber que estes alunos sabem ler e os outros não sabem, como é que tem feito essa avaliação?

P16 – *Bem, para eu saber que este sabe ler e o outro não sabe ler, o critério é aquele que eu disse: primeiro devo escrever no quadro preto, como há carência de livros. Em seguida, eu faço leitura e os alunos acompanham que ali lê-se ‘mamã’ ou ali lê-se ‘tal’’. E dali faço leitura em grupo, de modo a que todos fiquem concentrados. Em seguida, um por um. E ali no um por um onde descubro que este aluno tem problemas na leitura e este aluno conseguiu gravar aquilo que eu acabei de ler.*

ENT. – Muito bem! Quais são as recomendações que gostaria de deixar aqui para os outros professores?

P16 – *Bem, quanto a essa área de falta de material, eu queria deixar para os meus colegas que não estão cá presentes, para dizer que nós como professores não podemos ficar... na qualidade de uma equipa, na escola não há material e nós também devemos ficar limitados... Nós devemos abrir a mente do que ficou na nossa formação. Porque nós fomos ditos que nem sempre vamos trabalhar numa escola onde há condições. O professor deve ser criativo. Sim, sim.*

ENT. – Vocês produzem material didático e levam para escola?

P16 – *Claro, claro que produzimos. Sim, sim.*

ENT. – Pode dizer quais são os materiais didáticos que têm levado para escola?

P16 – *Por exemplo, temos pauzinhos, quando for na área de matemática. E quando for na área de português, como português sempre trata-se de textos, às vezes que aparecem imagens não sei o quê...quê... exemplo concreto quando for para introdução de uma letra, nós usamos uma imagem e consultamos os alunos: ‘quem pode adivinhar o que levei na folha?’ E os alunos vão ter que dizer o que é. Logo o professor amostra. Então ficam a ver, estamos a ver isto... isto. Dali, partimos desse ponto para chegar a um consenso.*

ENT. – Muito bem. E tem alguma coisa que possa querer acrescentar em relação ao ensino da leitura no dia a dia?

P16 – *Bem, para dizer que não tenho muita coisa. Mas o esforço que eu queria dar aos outros que não têm aquela iniciativa, porque tenho me apercebido com muitos colegas: ‘épa, nesta escola não há muito material, e não sei como vou dar?’ Eu pedia a ele para que tivessem a iniciativa dos outros, nem?...*

ENT. – Sim!

P16 - ... *nunca se ficar paralisado através de que a escola não tem material...*

ENT. – Pois!

P16 – *O professor deve ser criativo. Não pode ser um morto no pensamento.*

ENT. – Sim.

P16 - *Sim, sim.*

ENT. – Muito obrigado, Sr. Professor!

FIM